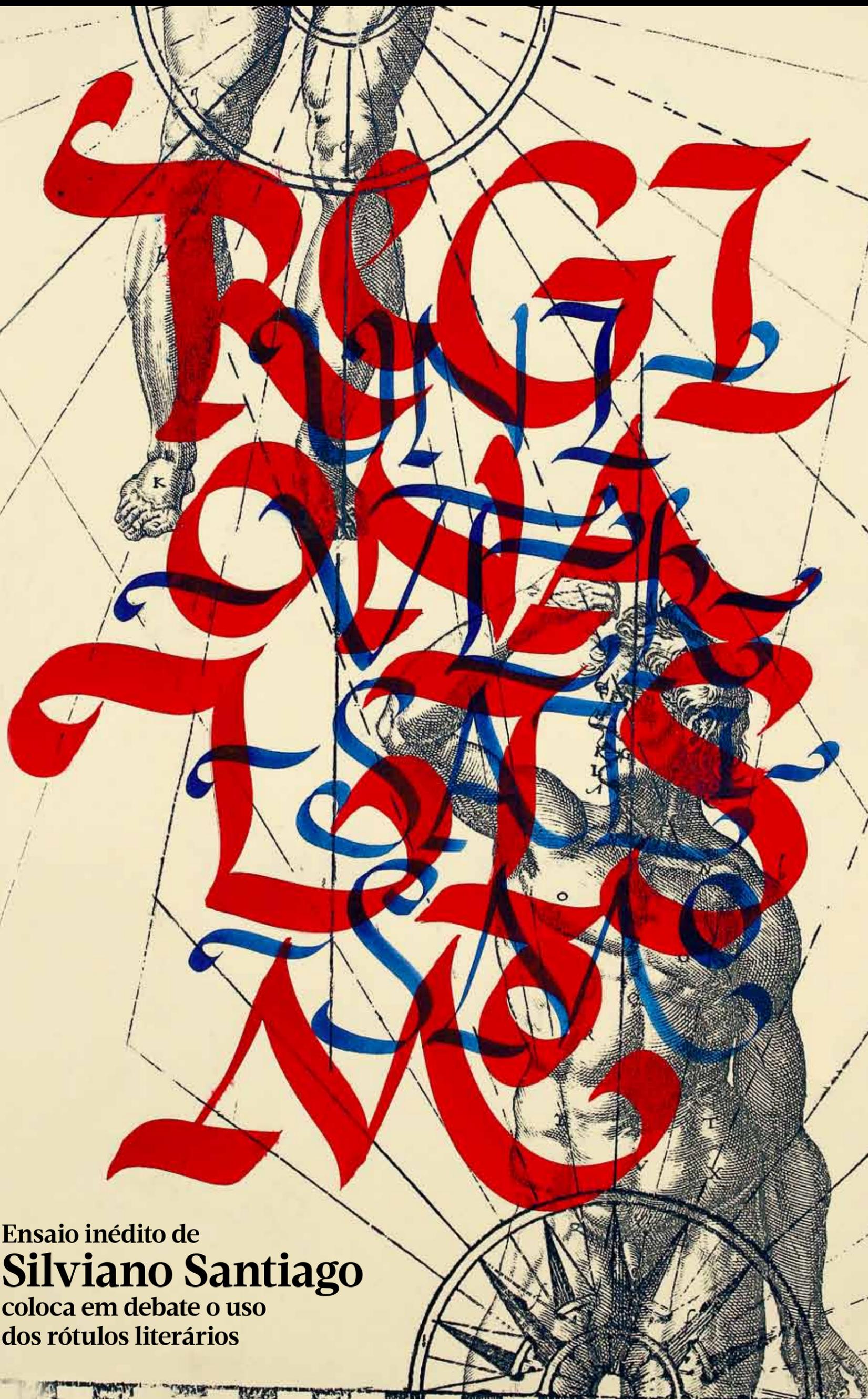


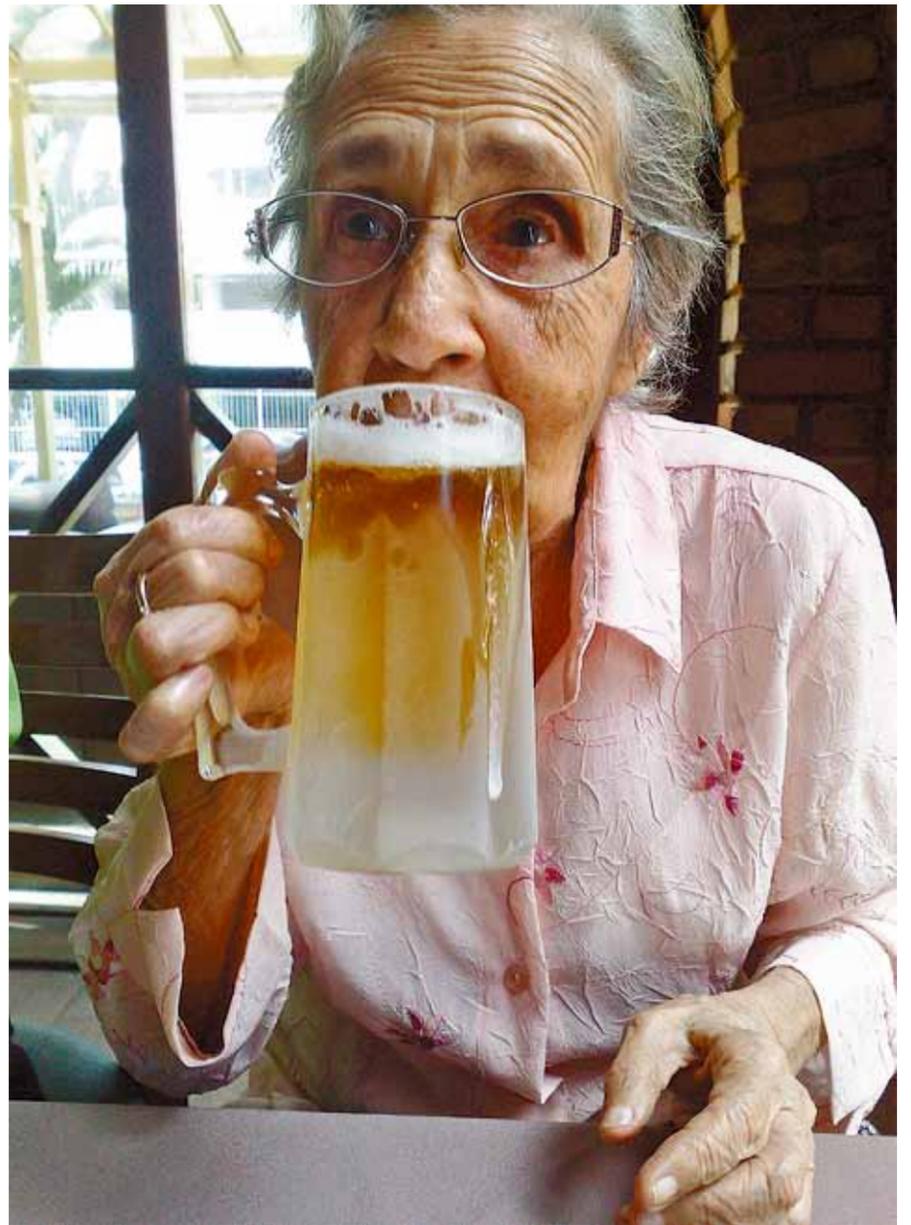
# PERNAMBUCO



LUCIDIO LEÃO E MATEUS BARBOSA

Ensaio inédito de  
**Silviano Santiago**  
coloca em debate o uso  
dos rótulos literários

## GALERIA



### RICARDO MOURA

“A fotografia, para mim, não é simplesmente uma escolha: ela se impõe como extensão técnica do meu olhar, opção única diante de um universo que me obriga a registrá-lo. Sorrateira e constante, a repetição do cotidiano aguça minha percepção do peculiar e, de forma lúdica e cortês, as infinitas possibilidades de cenário que a luz revela em sua ampla gama de nuances, tonalidades e colorações me mantêm alerta. O ato fotográfico, exercício contínuo da produção de registros instantâneos, me é tão viciante quanto o mais sinestésico dos prazeres, e o clique – som ao mesmo tempo tenro e frio do obturador, um clímax. Todos os dias, constantemente, com ou sem uma câmera nas mãos, fotografo.”

[www.flickr.com/photos/ricardomfn](http://www.flickr.com/photos/ricardomfn)

### CARTA DO EDITOR

**Não dá para começar** esse editorial sem lembrar da nossa satisfação em contar, mais uma vez, com Silviano Santiago como colaborador do **Pernambuco**. Seu nome está por trás de alguns dos mais elucidativos textos sobre a literatura brasileira (quantas vezes mesmo já nos pegamos lendo *Uma literatura nos trópicos?*) e também alguns dos livros de ficção mais agudos das últimas décadas. Nesta edição do jornal, texto inédito do autor sobre a problemática relevância dos rótulos para classificar romances e contos.

Como em geral acontece quando lemos Silviano, esse texto descortina nossa visão de mundo e nos faz perceber o que existe por trás das palavrinhas que lemos: “Literatura francesa, brasileira ou angolana – trata-se de evidente cacete nacionalista. Pelo uso do adjetivo, julga-se que a produção literária é o instrumento necessário para reafirmar a nacionalidade política emergente, que passa a ser o fundamento da nacionalidade institucionalizada. Na apreciação dum conjunto de obras literárias pertencentes a um estado-nação, de que o Brasil é exemplo, o critério de autenticidade e a avaliação da qualidade são estabelecidos pelo grau de representatividade.”

Este jornal chegará às suas mãos um pouco depois da nova edição da FreePorto, festival literário anárquico que brinca com o status de importância e seriedade com que costumamos envolver tudo o que se relaciona com a escrita. Mas para não deixar o evento passar em branco, pedimos a um dos seus organizadores, Wellington de Melo, que escrevesse uma crônica ou o que mais ele quisesse sobre as ideias por trás desse evento. O resultado foi divertidíssimo:

“Como é? Como se faz festa literária? Que pergunta! Não. Bebo não. Quero só uma soda. Veja, primeiro você precisa chamar uns amigos, gente de quem você goste. O quê? Chamar um produtor? É, tem essa galera que faz projetos, coloca nos editais e não sei o quê lá. Mas você não estava falando de festa? Então, tem que ter alma”, provoca o texto.

Nesta edição ainda Ferreira Gullar, em entrevista para reafirmar a nacionalidade política emergente, que passa a ser o fundamento da nacionalidade institucionalizada. Na apreciação dum conjunto de obras literárias pertencentes a um estado-nação, de que o Brasil é exemplo, o critério de autenticidade e a avaliação da qualidade são estabelecidos pelo grau de representatividade.”

É isso, bom 2011 e até janeiro!

### PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO

*Governador*

Eduardo Campos

*Secretário da Casa Civil*

Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA  
DE PERNAMBUCO – CEPE

*Presidente*

Leda Alves

*Diretor de Produção e Edição*

Ricardo Melo

*Diretor Administrativo e Financeiro*

Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:

Mário Hélio (Presidente)

Antônio Portela

José Luiz da Mota Menezes

Luís Augusto Reis

Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO  
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO  
Luiz Arrais

EDIÇÃO  
Raimundo Carrero e Schneider Carpegiani

REDAÇÃO  
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO  
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas,  
Militão Marques e Sebastião Corrêa

PRODUÇÃO GRÁFICA  
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto  
Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE  
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO  
Gilberto Silva

**Cepe**  
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da  
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE  
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife  
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação  
3183.2787 | [redacao@suplementope.com.br](mailto:redacao@suplementope.com.br)

## BASTIDORES

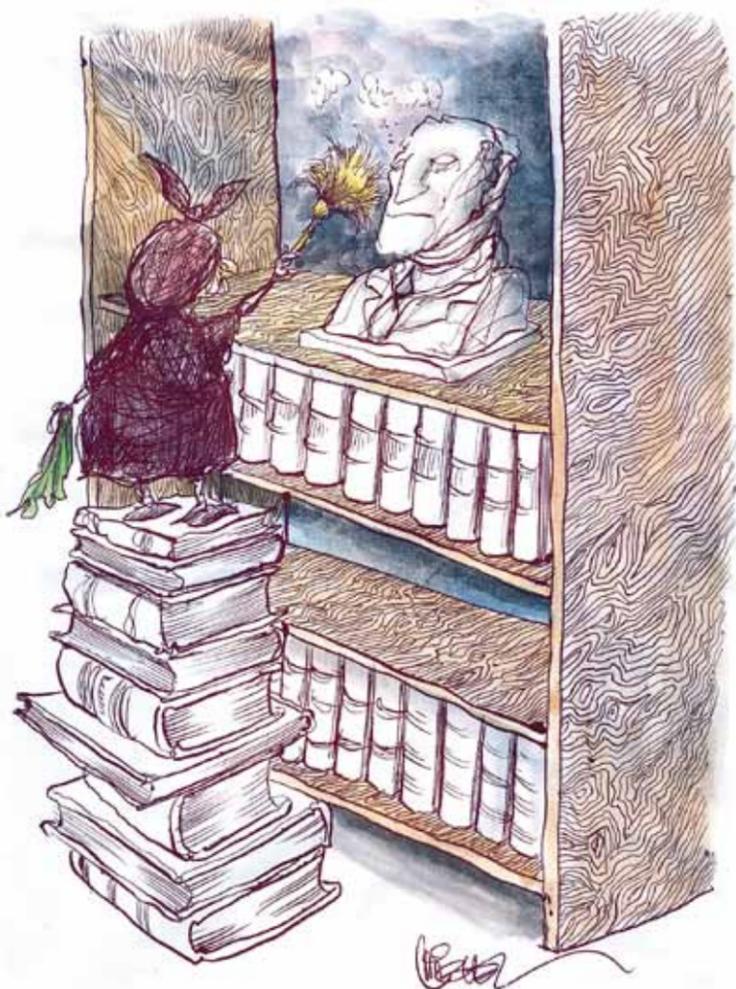
# Esta bússola vai em busca do mínimo

Em seu novo livro de poemas, autora fala da arte de se livrar dos excessos

Micheline Verunschik

### CARTUNS

MIGUEL FALCÃO  
MIGUELFALCAO@GMAIL.COM



KARINA FREITAS



Em 2003, eu aprontava o *Geografia íntima do deserto* e um poema que não cabia no livro me incomodava. Esse poema, sem título, logo eu soube se tratar do germe de um novo trabalho que, apesar de novo, dialogaria com aquele primeiro, como os movimentos de uma composição musical ou os atos de uma peça. Hoje, sete anos depois, *A cartografia da noite* vem a público e o diálogo é possível perceber já a partir do título, pois se permanece na esfera das relações entre o ser humano e a paisagem, que é, a grosso modo, o fio condutor desses dois livros. Desse modo esclareço já que esses livros fazem parte de um projeto no qual se busca um jogo de claro-escuro, suas nuances, seus aprofundamentos.

*A cartografia da noite* é um livro magro dividido em cinco partes: Matemática, Projeções, Cartometria, Mapas e Contrarrumo, termos tomados da própria ciência cartográfica e que no livro funcionam como síntese, ou bússola, de cada aba a qual se referem. Ao longo do tempo o livro foi sofrendo vários cortes e embora não tenha contabilizado, acredito que cerca de 10 a 15 poemas que estavam na primeira versão viraram sobra. Finalmente, foram sete versões “oficiais”, e digo oficiais porque a última sofreu alterações não documentadas. Hoje, eu ainda retiraria ao menos mais um poema (intitulado *Biografia*), o que não é possível porque o livro já está ali, impresso, me espiando.

Durante o processo os poemas também sofreram cortes. Menos é mais, diz a frase, e eu a tomo como método de trabalho. Para ilustrar (e de certo modo homenagear Poe e sua *Filosofia da composição*), dou como exemplo o poema *Rubens*, que era composto a princípio de três partes, condensada afinal em uma única:

**I**  
O morto está preso / dentro de um dia / como as palavras / dentro de uma carta. / O morto está preso dentro do seu dia / como uma noite / que se tem guardada / dentro de uma caixa. / Dentro de outra caixa / se prende / outra vez / o morto / como uma casa / dentro de um dia / dentro de uma noite dentro de uma carta / que contém o morto. / O morto é presa.

**II**  
O dia / se pendura / nos lençóis do tempo, / seu pêndulo de enforcado. / Escreve uma quietude pura e para S / U / S / P / E / N / S / O numa mesma sempre rija madrugada. / O dia / se mata / toda noite, / deus desfigurado / entre o barro e a estrela. / Pássaro incendiado / despenca / e lembra; / que amanhece.

**III**  
Não se chama / o amigo de morto. / Ele mira o azul / enquanto embala / o sono das redes. / Inventa / outra

língua / sob a língua / da terra. / Entre o giz / e a borracha / escolhe fazer-se / e desfazer-se numa terça severa. / Não se chama / o amigo de morto.

Na versão publicada, o poema fica não só mais enxuto como perde todas as bijuterias e resolve melhor uma questão de ritmo interno no que chamo de “núcleo central”. Nele permanece o essencial, que é a sugestão de um jogo de encaixes, desdobramentos de objetos que contêm outros e que por outros são também contidos:

O morto está preso / dentro de um dia / como as palavras / dentro de uma carta. / O morto está preso qual caixa vazia / que se guardaria / dentro de outra caixa. / E ainda em outra / [carta, caixa ou casa] se deposita o morto / guardado e resguardado / como uma casa / dentro de um dia / como um dia dentro de uma noite / como uma noite / dentro de uma carta. / O morto / é / presa.

Como não poderia deixar de ser, *A cartografia da noite* sofreu também influências de várias leituras. Em primeiro lugar, das impressões que ao longo da vida fui colecionando a respeito da noite, esse arquétipo poderoso. Assim, convergem nessa leitura, desde a “noite escura da alma” de São João da Cruz, passando por um mergulho no mito órfico, até chegar às vivências da noite nas cidades dos meus afetos, Arcoverde, Recife e São Paulo. Desse modo, é um livro marcado, mais que qualquer outro trabalho anterior, pelo intertexto. Uma citação de Osman Lins, em *Avalovara*, funciona na abertura como uma bússola ou credo. E ao longo das páginas se celebra os encontros com Guimarães Rosa, Virginia Woolf, os contos de fadas, Sylvia Plath, Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros autores. Possivelmente há outras influências das quais não dou conta de expor, pois embora escrever um livro seja para mim como montar um mecanismo, há o seu tanto de mistério, de matéria que não se pode perscrutar.

Por fim, é salutar que se diga que o livro que estou escrevendo atualmente, *Outra arte*, de certo modo fechará a tríade. E ao mesmo tempo em que encerrará um ciclo, abrirá uma janela para uma outra coisa, que eu ainda não sei qual é mas estou muito perto de descobrir.

#### O LIVRO

*A cartografia da noite*  
Editora Lumme Editor  
Páginas 72  
Preço R\$ 30,00



## ARTIGO

# A paixão não tem cor, sabor, mas derruba

Livro desvenda o fascínio pela vodca e não esquece o porre típico do dia seguinte

Ana Braga

Só agora, aos 36 anos de idade, bicha velha, como diria a minha mãe, eu descobri a vodca. Estou dizendo aqui des-cobrir e não beber. Não sou uma B.V., ou boca virgem, em vodca. Já fui adolescente que veraneava em casa de praia e vodca com Fanta era perfeito para as minhas paixões platônicas de férias. Fui jovem nas matinês e duas doses de vodca com Fanta rendiam mais danças do que quatro cervejas. Fui universitária e meu salário de estagiária não aguentava mais do que três caipirosas, por saída. Digo que só agora descobri a vodca porque, só agora, bebo na fonte. Há uns dez dias, derrubei quase num gole só o livro *O rei da vodca - A saga da família Smirnov e a construção de um império*. Para uma bebum amadora como eu, a obra biográfica de Linda Himmelstein é quase um afogamento. Fiquei de porre já nas 40 primeiras páginas, das 352. Entre outras viagens dessa história apaixonante, saquei, por exemplo, porque a gente olha atravessado para o casal da mesa ao lado, que pede uma garrafa de Smirnoff, ao invés de Johnnie Walker Red ou do vinho chileno Santa alguma coisa.

A cena aconteceu de verdade. Ele é loiro, forte e sua muito. Ela, morena clara, tem os cabelos ainda molhados, tingidos de vermelho escuro. Dou 40 anos a cada. Os dois sentam à mesa do bar como se estivessem no cinema, lado a lado (a propósito, nunca entendi porque casais sentam assim, assistindo à paisagem). Dali a pouco, o garçon serve uma garrafa de Smirnoff, um balde de gelo, duas latinhas de soda e dois copos altos. Observo o casal tomar quase meia garrafa, ou, meio litro da vodca, em 40 minutos. E nos goles intercalados com algum petisco, vejo aquele mexidinho de bochecha de quem degusta e tem intimidade. Dá gosto. Dá prazer ver. A essa altura, eu, que já estava embriagada com *O rei da vodca...*, início um romance na minha cabeça. Um romance russo, claro, como parece ser a vida de Piotr Smirnov. Será que o casal aí tem ideia de quem ele foi? Enquanto vou abstraindo, um amigo exclama na minha mesa: "eu desconfio do gosto de quem toma vodca". O preconceito existe e tem origem antiga.

Se o casal do bar e o meu amigo fossem apresentados a Piotr Smirnov e família, como eu fui, concordariam comigo: vodca misturada com paixão, negócios, tragédia e superação tem muito mais efeito que qualquer uísque e vinho.

Nascido pelas mãos de uma parteira, pobre, cheio de irmãs, trabalhador desde criança e retirante. Com es-

ses clichês se conta a vida do presidente Lula. E também a do russo Piotr Smirnov, fundador da Smirnoff, vodca cujo litro do tipo mais consumido, naquela garrafa translúcida de rótulo vermelho, custa módicos R\$ 21, em qualquer supermercado. Piotr Smirnov nasceu plebeu em 1831 na Rússia, saiu ainda criança da casa dos pais e morreu aos 67 anos, como um gigante da indústria do país.

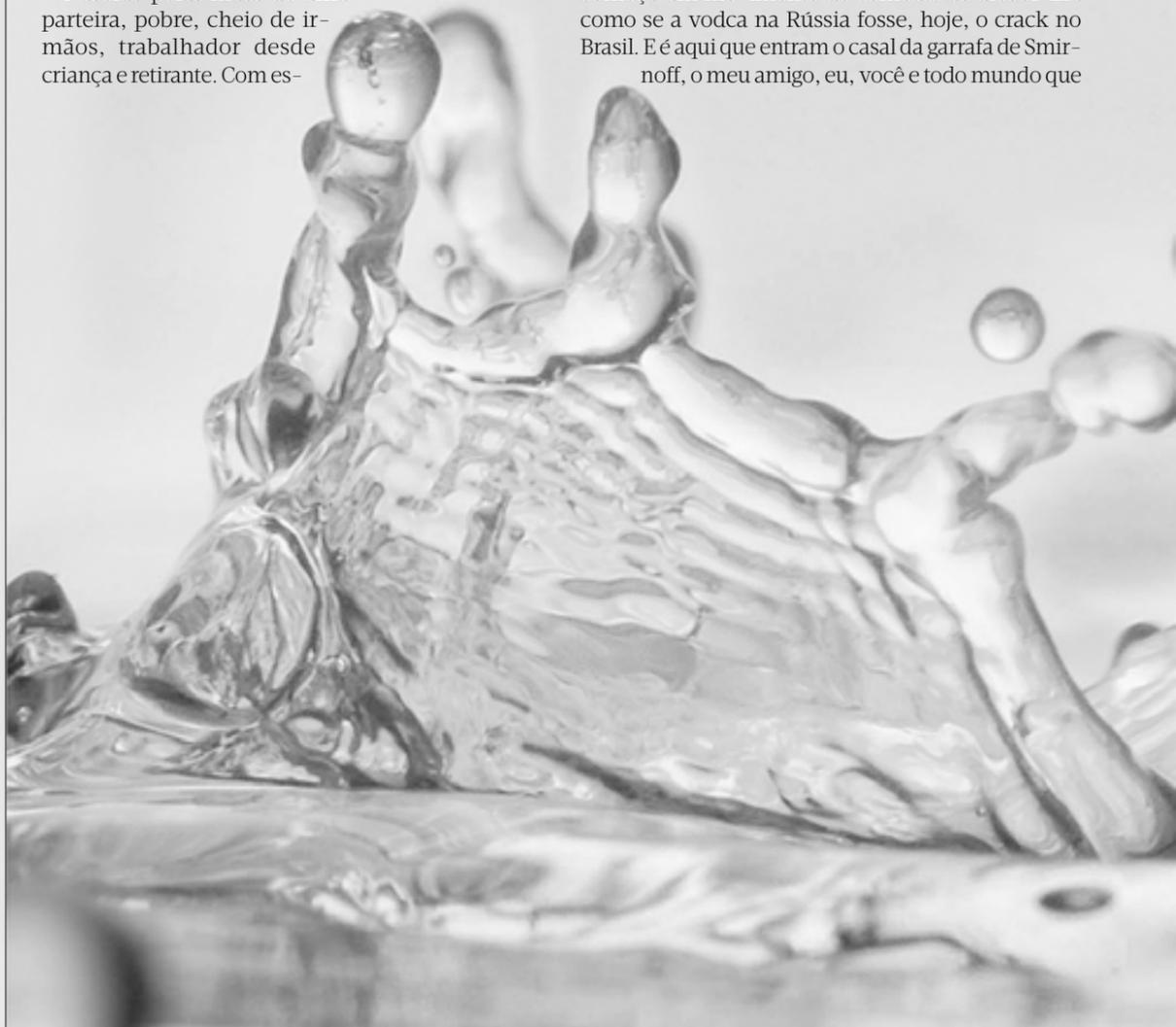
A biografia me exigiu, antes, uns goles de batismo na tradição da vodca na Rússia. Fico sabendo que monges russos tinham alambiques nos mosteiros, lá nos anos 1500, mas que o líquido era usado para experimentos químicos e descobertas científicas. Hum-hum, sei, sei bem. O que saiu de útil dessas pesquisas o livro nem conta, mas imagino o que rolava naqueles retiros isolados, no alto das montanhas. Também fico sabendo que beber vodca era o passatempo preferido de Pedro, O Grande, que comandou o país de 1682 a 1725. Ele instituiu o gole punitivo. Quem chega atrasado ou falta à reunião deve tomar uma caneca de vodca. E quem aqui não já brincou disso, virando um copo de bebida para pagar uma prenda, hein?

Bom, com o passar dos anos, a bebida passa a ser usada como pagamento no lugar de dinheiro, como suborno e para encorajar soldados na frente de batalha. É dada até a mulheres em trabalho de parto e a recém-nascidos. O governo czarista, que mantém forte controle sobre a economia da vodca, aprova e estimula tudo isso. O consumo elevado é uma forma fácil de encher os cofres do Estado. E claro que isso dá em merda. Imagine a bagaceira que seria no Brasil, com a cachaça. Agora multiplique isso por mil, que é para aplacar o frio na Rússia.

O fato é que, quando Piotr Smirnov entra para o ramo, lá nos anos 1860, a vodca já é mania nacional (parafrazeando a nossa Pitú). Mais do que isso, é um grande negócio. Surgem toda sorte de fabricantes. Muitos clandestinos, destilando vodca de péssima qualidade. Os impostos sobre a bebida cobrem um terço das despesas básicas do Estado e ainda geram o bastante para pagar toda a defesa do país em tempos de paz. Cristão ortodoxo e pouco chegado a beber, Piotr Smirnov talvez tivesse preferido uma vocação mais digna. Morre como o maior produtor de vodca do país, dono de uma empresa em Moscou avaliada em 20 milhões de rublos, o que equivale hoje a uns 265 milhões de dólares. Mas morre com medo e culpa. Ou seja, numa ressaca moral monstra.

## DOSTOIÉVSKI NÃO ERA BEBUM

No auge da popularidade de Piotr Smirnov, em 1880, começa um movimento de combate ao álcool. Era como se a vodca na Rússia fosse, hoje, o crack no Brasil. E é aqui que entram o casal da garrafa de Smirnoff, o meu amigo, eu, você e todo mundo que





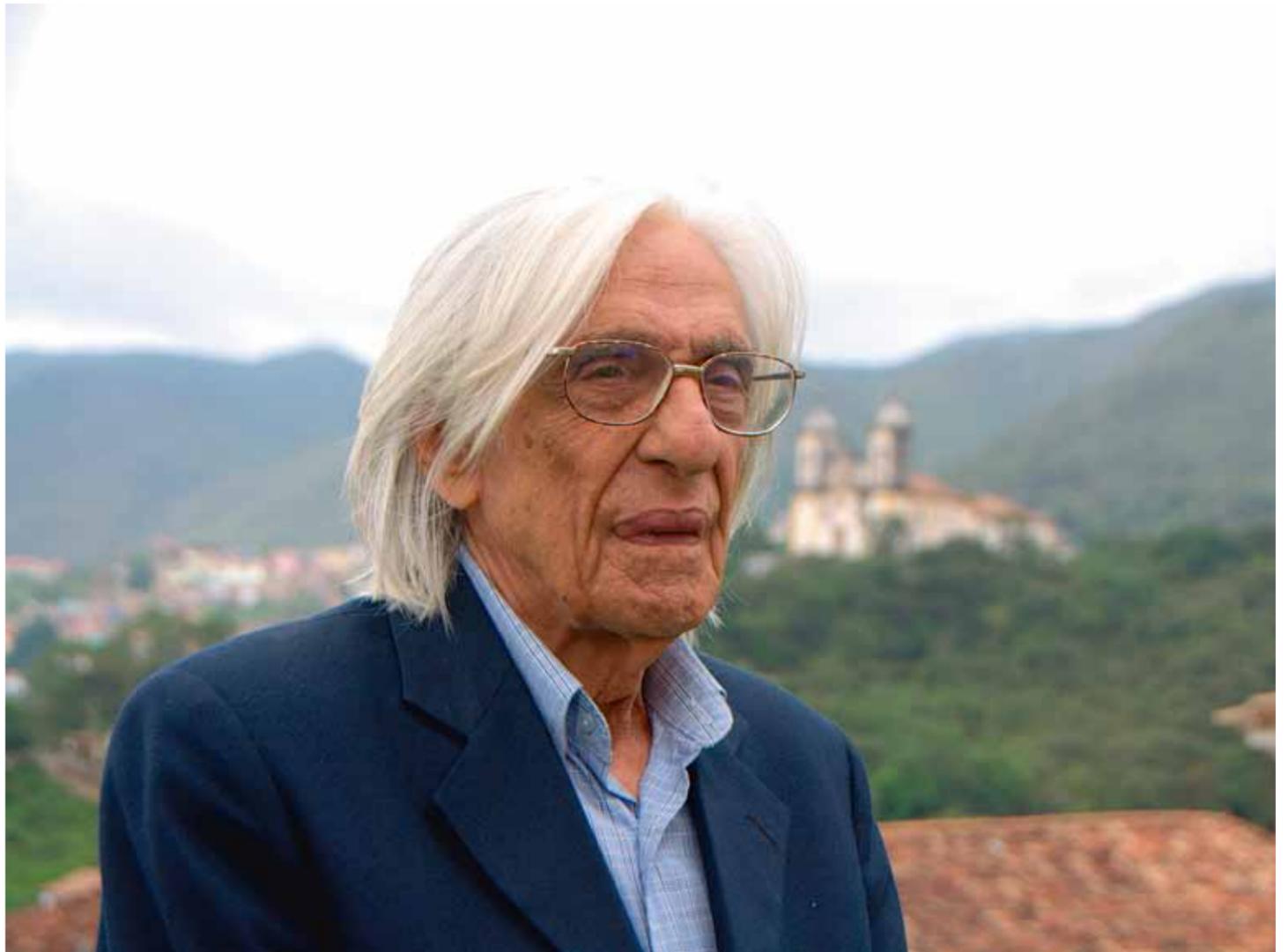
## ENTREVISTA

## Ferreira Gullar

# São os espantos da vida que forjam o interior da poesia

Em entrevista por e-mail para o editor do jornal literário curitibano *Rascunho*, o poeta maranhense revela que seus versos resultam da matemática dos seus espantos

DIVULGAÇÃO/FLIP



Entrevista a **Rogério Pereira**

**Ferreira Gullar chega** aos 80 anos de vida (completados em 10 de setembro) com uma vitalidade impressionante. E com o olhar ainda mais aguçado para os espantos que a vida lhe causa. É a partir destes espantos – a junção entre o inusitado e o sublime do cotidiano – que nascem os seus versos. Isso há 61 anos, desde o surgimento de *Um pouco acima do chão*, sua estreia poética em 1949. Agora, lança o inquietante *Em*

*alguma parte alguma*, um livro repleto de perplexidades também encontradas nos poemas de *Muitas vozes*, de 1999. Gullar retoma (ou continua) temas que lhe são muito caros: a pequenez do cotidiano em contraposição à imensidão do universo e a passagem do tempo, refletida principalmente na morte, contra quem luta munido fortemente de belos versos. “Sei que um dia não estarei mais em nenhuma parte, senão no que escrevi. A obra é o outro corpo que criamos para permanecermos presentes quando este, de carne e ossos, desaparecer”,

diz Gullar nesta entrevista concedida por e-mail ao **Pernambuco**.

Ferreira Gullar é, acima de tudo, um poeta realizado. Em 2010, recebeu o prêmio Camões – considerado a mais alta distinção concedida a um autor de língua portuguesa – e é celebrado pela crítica como o maior poeta brasileiro em atividade. “Como o sentido do que escrevemos é chegar ao leitor, ao outro, ganhar um prêmio como esse (*o Camões*) é a comprovação de que chegamos lá”, afirma. Disso, ninguém duvida.

“ Busco dizer o que for de modo sucinto e inesperado, para que assim também surpreenda o leitor

“ Buscar a transcendência é necessidade de todos nós, o que não implica necessariamente na crença em Deus

**Em alguma parte alguma foi escrito entre 1999 e 2010. Portanto, foram onze anos trabalhando neste livro. Como se deu toda a feitura do livro? E como nascem/surgem os seus poemas?**

Como costume dizer, meus poemas nascem do espanto, ou seja, de algum fato ou descoberta que me surpreende e me mostra um lado da existência inusitado.

**O senhor afirma que a poesia “lida com o acaso e a necessidade”. Qual é a necessidade que o move em direção à construção da poesia? Não adoto método algum para escrever os poemas, antes me deixo arrastar pela descoberta que me surpreendeu e me pôs em estado capaz de escrever o poema. Não é que tenha exigência no fazer. Pelo contrário, busco dizer o que for de modo sucinto e inesperado, para que assim também surpreenda o leitor e o faça viajar comigo nesse mundo poético. O primeiro a ser surpreendido pelo poema sou eu mesmo, o primeiro leitor.**

**É possível criar um método para se escrever poesia? Ou é a poesia que comanda o poeta, que diz quando está pronta para vir à luz?**  
Como disse, não tenho método para escrever, já que o poema deve ser uma invenção inesperada. Certamente, tenho um jeito próprio de escrever, como todo poeta o tem. Não se trata de método e, sim, de modo de lidar com as palavras, já que todo poeta inventa sua própria linguagem.

**Muitos escritores (principalmente prosadores) consideram a poesia um gênero literário superior aos demais. O senhor concorda?**

Não se trata disso. A poesia é, na verdade, um modo especial de relacionar-se com a realidade, de inventá-la. Talvez o que a distinga dos demais gêneros seja a sua excepcionalidade e a busca do essencial.

**Seus dois livros mais recentes — Muitas vozes e Em alguma parte alguma — trazem belíssimos poemas sobre a morte e a passagem do tempo. O senhor teme a morte? De que maneira o senhor a encara?**  
Não, não temo a morte, embora não a deseje. Sei que um dia não estarei mais em nenhuma parte, senão no que escrevi. A obra é o outro corpo que criamos para permanecermos presentes.

**O senhor é reconhecido pela crítica e reverenciado pelos leitores, musicado por cantores populares, ganhou o Prêmio Camões e virou até nome de avenida, no Maranhão. A que atribui tais fenômenos? Qual a sua opinião ao ser considerado hoje o maior poeta brasileiro em atividade?**  
Esse reconhecimento me surpreende e me lisonjeia. Creio que se deve em parte ao que escrevo e, em parte, às circunstâncias eventuais; uma delas, ter vivido muito e me manter ligado aos problemas que afetam a todos.

**Quais poetas contemporâneos o senhor lê com atenção? E qual**

**a sua opinião sobre a produção poética brasileira?**

Hoje, mais releio que leio. Mas também não releio todo dia. Passo tempo só pensando e escrevendo ou lendo sobre a atualidade política e social. Sempre li a história dos povos e do meu país. Outra leitura minha, frequente, é a das questões ideológicas.

**O que significou o Prêmio Camões na sua vida de escritor?**

Ganhar o Prêmio Camões foi uma coisa tão inesperada quanto gratificante. Como o sentido do que escrevemos é chegar ao leitor, ao outro, ganhar um prêmio como esse é a comprovação de que chegamos lá.

**O senhor acompanha muito atentamente o mundo que o cerca. E sobre ele emite opiniões em sua crônica semanal na Folha de S. Paulo. Qual a sua opinião sobre dois temas extremamente recorrentes na sociedade: a legalização do aborto e a descriminalização das drogas?**

Sou a favor da legalização do aborto, porque constato que a não legalização não impede que as mulheres, em determinadas situações, sejam levadas a praticá-lo. Nenhuma mulher aborta por prazer. Quanto às drogas, não acredito que legalizá-las seja a solução. A venda de cigarros, de remédios, de pedras preciosas não é proibida, mas existe tráfico dessas mercadorias, não existe? A descriminalização não vai acabar com o tráfico, porque ele, de fato, é mantido por quem consome drogas, já que não existe comércio, legal ou não, sem consumidor. O

caminho correto, a meu ver, seria uma campanha, em âmbito nacional e internacional, de educação dos jovens.

**Quais absurdos do mundo contemporâneo mais o incomodam?**

Uma das coisas mais absurdas da época atual é o terrorismo. Só muito fanatismo, só muito ódio e burrice, levados ao extremo, podem explicar tamanho desatino.

**Há no Em alguma parte alguma a presença de temas bastante recorrentes em Muitas vozes, especialmente a consciência da morte e a perplexidade proveniente da simultaneidade entre a vida comum e o turbilhão das galáxias. É possível ver em tais obras uma extensão, como se um livro continuasse o outro?**  
Sim, essa perplexidade está em mim e se mantém através dos anos. Em dado momento, por alguma razão, volta e me faz escrever sobre ela. Nisso, um livro continua o outro.

**Num dos prefácios de Em alguma parte alguma, Alfredo Bosi fala da convivência amorosa e tensa de materialismo e metafísica em sua poesia. Poemas como “Off price” (“Que a sorte me livre do mercado”) e “Um pouco antes” (“Não te custará nada imaginar/ que estou sorrindo ainda naquela nesga/ azul-celeste/ pouco antes de dissipar-me para sempre”) sinalizam que o seu materialismo está em fase de sublimação ou transcendência?**  
Meus poemas não são expressão de uma teoria que

esteja elaborando, como um filósofo. Poeta e filósofo relacionam-se diversamente com o conhecimento: um busca explicar o mundo coerentemente; o outro se espanta e constrói o poema sem se perguntar se está se contradizendo ou não. Os versos citados expressam momentos diversos da vida: um é estar livre dos condicionamentos que sufocariam a poesia; o outro, a consciência de que desaparecerei para sempre, restando, quem sabe, a lembrança de alguém, por algum tempo. Buscar a transcendência é necessidade de todos nós, o que não implica a crença em Deus.

**Em Muitas vozes há um poema intitulado “Inventário”, que diz: “o Gullar que bastasse/ não nasceu”. Em alguma parte alguma traz “O duplo”, o qual indica haver “um outro/ que é mais Gullar do que eu”. Em alguma medida, tais poemas, reunidos, evocam o “Traduzir-se”, e, sobre este, eu pergunto se você o inventou ou foi por ele inventado? Quem é este Gullar que, em pouco tempo, passa de inexistente a mais Gullar do que você próprio?**  
Não sei nem quero explicar essas coisas. Não busco coerência, não faço teoria, são espantos, constatações inesperadas.

**Que conselho o senhor daria a alguém disposto a se dedicar ao ofício de poeta?**

Poesia não é profissão, é destino. Que vá em frente.

\*Colaborou **Marcos Pasche**.

# FICÇÃO

KARINA FREITAS



## Como. Fazer uma festa literária?

**Wellington de Melo**

**Como é?** Como se faz festa literária? Que pergunta! Não. Bebo não. Quero só uma soda. Veja, primeiro você precisa chamar uns amigos, gente de quem você goste. O quê? Chamar um produtor? É, tem essa galera que faz projetos, coloca nos editais e não sei o quê lá. Mas você não estava falando de festa? Então, tem que ter alma. Antes de tudo. Colocar tudo nisso para que seja verdadeiro, saca? Se você quiser chamar um produtor para ajudar a criar sua festa, beleza, desde que ele esteja com no espírito. Se for seu amigo, melhor. Se não tem espírito, priu. O produtor pode ajudar na burocracia. Quem fornece a cerveja, quem arranja o som, onde ele tem que estar etc. Sem eles não rola, mas eles têm que estar na onda. Hein? Não, não acho que tem que ser profissional, não. O cérebro da produção da FreePorto é um amigo meu chamado Osvaldo Braga, professor de Biologia. Essa lógica de que você fala é outra. Adorno falou disso, né? Opa, valeu, amigão! Soda num dia de sol é massa! Então, essa lógica é outra, é a lógica do produto cultural, feito para os formadores de opinião, para atender às políticas públicas A, B ou C, para justificar a existência das produtoras de eventos, dos cargos comissionados etc. e tal. É o

sistema fazendo cultura de acordo com as normas do sistema. Mas tem o lance da contracultura, né não? Que no final das contas é só uma engrenagem a mais do sistema, fazer o quê? Mas é uma tentativa de fazer algo diferente, sair da mediocridade. Fazer uma festa requer cuidado com os convidados, com o som que eles vão ouvir, que no final é o som que você quer ouvir, se não a festa não é sua, é de outra pessoa que criou algo para você ficar bem na fita. Amadorismo profissional! Ou seja: respeito. E respeitar não é colocar uma mesa com drinks grátis pra a galera se embriagar, meu velho. É diferente, vá por mim. Não é fazer entrada VIP, não, charuto bacana na entrada. Eu fazia umas festas em Gaibu no final dos anos 1990, início dos 2000. Chegou um momento em que havia gente ali que eu nem conhecia. Festas altamente concorridas, mas sem o espírito inicial. Pronto, deixamos de fazer. Então insisto: chame seus amigos para montar a festa e peça que chamem os amigos deles, que, depois de feita a festa, poderão ser seus amigos também. Literatura? Por partes, estou falando de festa. Depois defina um tema. As festas de Gaibu sempre eram temáticas. Jaime, amigão meu, sempre inventava algo diferente. Juntávamos uma galera, cada um trazia o que podia. Hein? Se a gente cobrava entrada? Não, só pedia que quem pudesse ajudar para pagar a comida e a bebida. Penetra? Toda festa tem penetra,

né? Mas a gente não ligava não. Só depois. É, quando acabou. Uma festa precisa ter o tamanho certo para ser humana. Se crescer demais, vira outra coisa, vira produto cultural, terceirização de sonhos. Adorno, blá-blá-blá. Já falei nisso, né? Não, quero não. Não fumo nem careta. O que importava era que todos se divertissem. Lá vem você de novo com isso de festa literária. Batatinha. Aceito batatinha, pede aí. Bom, eu tinha falado do tema. A galera de comunicação reclama quando a coisa não... comunica! Dizem que tem que ficar claro para o público e tal, que a proposta, que a comunicação e que e que e que. A diferença entre artistas e comunicadores é que os primeiros podem aceitar que não controlam a mensagem, que isso é irrelevante. Tem alguns que até não, que acham que mandam no texto e se você interpretar outra coisa você é um jumento. Tenho essa possessividade com a obra não. Com arte é assim, porque o que importa talvez é o que você faz com sua vida a partir do que produz com minha arte. O que eu queria dizer é tão insignificante diante disso, né não? Seria tão mesquinho se eu criasse algo só para que me ouvissem, só para que me entendessem. É mais que isso, né não? Então a gente cria um tema, que pode ser algo completamente absurdo como inventar um país imaginário chamado Nova Bulgária e chamar os escritores que a gente conhecia para serem governantes desse

Marco  
Polo

MERCADO  
EDITORIAL

### INVENÇÃO

#### O famoso e polêmico romance *Catatau*, de Paulo Leminski, é relançado pela Editora Iluminuras

Os defensores da literatura de invenção estão em festa. A Iluminuras acaba de lançar uma nova edição de *Catatau*, de Paulo Leminski (foto). Subintitulado de *Um romance-ideia* pode ser visto também como um romance-rio: nele desaguam misturados erudição e achincalhe, trocadilhos e nonsense, neologismos e palavras-valises, numa profusão de sons que tentam traduzir o que se passa na

mente e no coração de Renatus Cartesius (como é chamado o filósofo francês Rene Descartes, que vem parar no Recife de Maurício de Nassau e vê todo seu famoso racionalismo “infectado” pelo caos da realidade tropical). Ele está sob um árvore, fumando uma erva narcótica, esperando um polonês que lhe explicaria aquilo tudo, mas que só chega na linha final do livro e totalmente bêbado.

DIVULGAÇÃO





país. Aí inventar que a festa seria a celebração desse novo governo, brincar de faz de conta e criar uma história em conjunto com todos os participantes. RPG? É, um negócio meio RPG cabeção feito entre escritores e leitores, é. Aí a galera da comunicação diz que não comunica. Garçon, outra soda! Posso pedir mais batatinha? Beleza. Definido o tema, explique-o para seus amigos, peça que eles criem também e deixe rolar, porque daí a festa vira de todos. Chame uma galera responsa para dar uma cara à sua ideia. Escritório de design? Claro, desde que a galera entenda também a ideia, seja parceiro e viaje com você. Lembra do amadorismo profissional? É quando os profissionais envolvidos amam o que estão fazendo, cara. Arranje uma galera que possa ajudar a financiar a coisa. Podem ser amigos que tenham recursos como som, uma casa legal, acesso a gráficas para rodar o material etc. Em Gaibu tudo era com a gente. Se a ideia é fazer um lance maior, rola explicar de novo a ideia pra algumas empresas. Alguém que pague os folhetos, outro que consiga o lanche, outro que faça um preço bom pro som. Os amigos ajudam na produção. Consiga uma maneira de recompensá-los, mesmo que seja com cinquenta contos para ajudar na passagem ou até um abraço forte. Recompensar vai além do dinheiro, muito além. Divulgue do jeito que der, se preocupando mais em preservar a ideia do que cumprir as metas do mercado. Faça a festa acontecer. Divirta-se ao máximo. Acho que é isso. Como se faz uma festa literária? Rapaz, sério, não tem que ser diferente não. Eu diria o seguinte: arranje

uma galera que goste de literatura, que ache que literatura não precisa de gravata, de gabinete, que ache que literatura flui pelas veias, em cada esquina, em cada mesa de bar, nas academias, não só nelas, nas universidades, nos corredores, principalmente neles, no quarto do seu filho, debaixo de um pé de pau em Buíque, no olhar da minha mãe, na hora do almoço dos comerciários, no ônibus voltando pra casa. Se achar uma galera que pensa assim, que literatura é bem mais do que pompa, ego, índice de status social, vitrine para cargo público, trampolim para as colunas sociais, desculpa para ser alternativo porra-louca, revoltadinho classe média, maneira de se associar à “novíssima geração literária” ou à lendária “geração 69”, forma de posar de intelectual nas rodinhas descoladas, você está feito. Porque sua festa literária terá espírito. Eu já falei do respeito? Pronto! E respeito, fera. Mantenha o respeito. Que vai bem além de dar um cachê pra se arrombar ou colocar os convidados em hotéis cinco estrelas ou dar festas bombadas VIP mother fucker. Porque respeitar um escritor é, antes de tudo, ouvi-lo, dar a atenção que ele merece por ser seu convidado, por ser quem é, por ter algo a dizer, por fazer parte de sua viagem. Respeito pelos leitores, dando o máximo que você puder de si em cada detalhe, mesmo que eles não entendam tudo, que achem uma ‘viagem’. Respeito, respeito, respeito. É isso, eu acho. Eita, chegou a batatinha de novo. Quer ketchup?

**Wellington de Melo** é escritor. Produz, com Artur Rogério e Bruno Piffardini, a FreePorto – Festa Literária do Recife.

## MELODRAMA

### As relações de Manuel Puig com a cultura de massas

A Editora da UFF está publicando o livro *A traição de Manuel Puig: melodrama, cinema e política em uma literatura à margem*, do professor e pesquisador Maurício de Bragança. O ensaio aborda a apropriação crítica que o escritor argentino faz dos subprodutos da cultura de massas, redimensionando as relações entre colonialismo e tradição, e os deslocamentos entre centro e periferia.

## DESENHO

### Clássico da arte-educação é relançado pela editora gaúcha Zouk, e desta vez com o seu texto revisto e ampliado

A Zouk Editora é um desdobramento da Zouk Galeria de Arte, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (zouk@editorazouk.com.br – (51) 3024.7554), que está relançando um livro já considerado um clássico na área de arte-educação, *Formas de pensar o desenho – Desenvolvimento do grafismo infantil*, da artista e educadora Edith Derdyk. É uma quarta edição, revista e ampliada, em que a autora não

somente faz reflexões sobre a linguagem gráfica das crianças, como analisa o desenho através de mestres da antiguidade, como Leonardo da Vinci e Ingres, até grandes artistas brasileiros contemporâneos como Amilcar de Castro e Regina Silveira. No livro são ainda enfatizados os elementos do desenho, como a linha, a expressividade, o objeto representado e a relação com os materiais.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

## CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
  - Contribuição relevante para Pernambuco;
  - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
  - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
  - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
  - Originals incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
  - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
  - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
  - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco  
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140  
Santo Amaro – Recife – PE.  
Informações adicionais pelo telefone:  
(81) 3183-2708



GOVERNO DE PERNAMBUCO

## CAPA

LUCÍDIO LEÃO E MATHEUS BARBOSA



# Rótulos “sinceros” nos interessam (e muito)

O problema das palavras que condicionam e pautam a nossa relação com a literatura

**Silviano Santiago**

**Na modernidade ocidental**, quando se fala de literatura, nada tem sido menos rigoroso, nada tem sido mais oportunista e, ao mesmo tempo, nada tem sido mais indispensável do que toda e qualquer adjetivação do substantivo.

Literatura francesa, brasileira ou angolana – trata-se de evidente cacoete nacionalista. Pelo uso do adjetivo, julga-se que a produção literária é o instrumento necessário para reafirmar a nacionalidade política emergente, que passa a ser o fundamento da nacionalidade institucionalizada. Na apreciação dum conjunto de obras literárias pertencentes a um estado-nação, de que o Brasil é exemplo, o critério de autenticidade e a avaliação da qualidade são estabelecidos pelo grau de representatividade. Há 176 anos, quatro anos depois da nossa Independência, a correlação entre poesia e nação, estabelecida por Ferdinand Denis, traduzia a indispensável adjetivação de brasileira para a literatura que estava sendo feita na ex-colônia portuguesa: “(...) a América deve ser livre tanto na sua poesia, quanto no seu governo”. A

liberdade conquistada no plano político por D. Pedro I deveria espalhar-se pelas artes, tornando-se o hífen que amarraria culturalmente regime pós-colonial e cidadão. Pouco importava, então, se a jovem nação livre, que a literatura representava, continuasse caudal da metrópole e seu povo fosse confundido com a elite branca e estrangeira dominante. O adjetivo nacionalista tinha ranço iluminista e retórico. Escrevia-se uma “comunidade imaginada”, para usar a expressão de Benedict Anderson.

Literatura parnasiana, simbolista ou modernista – trata-se de evidente cacoete universitário. O adjetivo condiciona o estudo e o ensino das letras a sucessivas fases dadas pela história literária, tendo como modelo explicador o estilo literário prevalente nessa ou naquela época. As fronteiras sociais emprestadas à arte pela adjetivação nacionalista são ultrapassadas pela adjetivação estilística e, em atitude só hoje discutível, ocidentaliza-se a noção de literatura, transformando-a em *belles lettres*. Em evidente eurocentrismo, a abordagem estilística toma



o conjunto da produção literária de todo e qualquer estado-nação, de que é exemplo o Brasil, uma parte do “universal” literário. Pela opção estético-estilística, critica-se o historicismo da postura descrita pelo adjetivo de cunho nacionalista. Defensor da metodologia estilística de leitura, Afrânio Coutinho esclarece que a literatura não é um “bólide no espaço”, mas também não é “um epifenômeno da economia ou da vida social”. E conclui: “O essencial é o estudo da obra em si mesma”.

Modelo de historiador pelos sucessivos estilos literários apresentados em cronologia, o francês Gustave Lanson (1857-1934) afirmava que a história literária tinha montado até então, para uso próprio, uma “paródia” das ciências sociais. O fim da paródia anunciava o interesse exclusivo pela especificidade estética da literatura. No século 20, a nova anunciada por Gustave Lanson produziu uma série de metodologias de leitura que centravam o foco da luz crítica na análise do texto – na *explication de texte*, como dizem os pedagogos franceses, acentuando o aspecto formalista da leitura dita científica. As novas metodologias coincidem com o aparecimento dos formalistas russos (1910-1930) e culminam no chamado pós-estruturalismo francês (1970-1990). As sucessivas correntes metodológicas englobadas pelos marcos visavam a aproximar o estudioso do conhecimento do texto literário pela “literariedade” (ou seja, pelo que torna tal texto literário), para retomar o conceito clássico dos formalistas russos.

No seu bojo e pelo seu avesso, o fim da história literária como “paródia” das ciências sociais trouxe também outra série de metodologias de leitura de caráter universalista, que, ao contrário do que se esperava, aumentavam consideravelmente o peso dado aos critérios de ordem econômica e social na interpretação da obra literária, acentuando o aspecto conteudístico da análise. Esses critérios são tomados de empréstimo da adjetivação nacionalista

do substantivo literatura, mas com a finalidade de estabelecer uma grande diferença. Descarta-se do conceito de estado-nação a inabalável hegemonia da elite dominante e precisa-se o conceito de povo dominado. Elite dominante e povo dominado têm o palco tomado pela luta de classes internacional, enquanto os personagens da classe operária saem em busca da supremacia revolucionária universal.

Entre nós, Antonio Candido buscou um equilíbrio delicado entre a postura metodológica formalista e a conteudística. Sem se descuidar dos ganhos estéticos garantidos pela análise estilística do texto literário, ele procura fundamentar os ganhos por análise ideológica complementar, em que a função social da literatura alcança preeminência. Eis como o mestre paulista formula o problema fundamental da análise literária: “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto dela poder ser estudada em si mesma. E como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce”. Na conclusão a que chega, afirma-se o equilíbrio: “convenço-me cada vez mais de que só através do estudo formal é possível apreender convenientemente os aspectos sociais”.

Desde meados do século 19, com a intenção sabida de azucrinar a cabeça dos historiadores e professores de literatura que se compraziam em qualificar a literatura por adjetivação, grandes poetas, como Stéphane Mallarmé ou Paul Valéry, têm apresentado configurações da obra literária em que qualquer adjetivo apostado ao substantivo é logo afastado e negado. A finalidade da proposta de origem oitocentista é, por um lado, a de singularizar e enobrecer o instrumento de trabalho do escritor-artista – a linguagem –, e, por outro lado, a de desacreditar as definições de literatura de caráter geográfico, histórico ou social. Citemos Stéphane Mallarmé, o poeta dos poetas. No soneto *Le tombeau d’Egard Poe*, lê-se que cabe ao poeta

“Donner un sens plus pur aux mots de la tribu” (Dar um sentido mais puro às palavras da tribo). A busca de uma pureza redentora da palavra poética, transformada em sucedâneo laico do Santo Gral, é o modo como o artista justifica a própria vida e sua obra, ao mesmo tempo em que contribui para o bem geral da nação dos tribalistas. A obra literária de Mallarmé foi elaborada “pour aboutir à un Livre” (para terminar por um Livro). Livro, não se duvide, com inicial maiúscula, como no caso da Bíblia sagrada. Sem qualquer adjetivação, a literatura sela pacto com o fracasso estético na contemporaneidade consumista e marca encontro com o sucesso na eternidade. O que têm a ver esses poucos e apressados exemplos de rebaixamento estético, desempenhado por qualquer adjetivo acoplado ao substantivo literatura?

O principal fim da reflexão inicial é otimista e ideológico. Colocar o leitor de literatura num beco sem saída. O rebaixamento estético desempenhado pelo adjetivo aponta para o relativismo metodológico que, antes de afirmar como essencial o primado intransferível do gosto individual e de caracterizar como inútil a discussão sobre a literatura, alimenta e torna indispensável o debate público pelo enfraquecimento da certeza de que não há um modo absoluto de se escrever e de analisar e interpretar a literatura. Ela sempre escapa a qualquer modelo que se lhe imponha. Como não se deixa explicar por adjetivos, a boa literatura independe também de qualquer um dos “manifestos literários” que estiverem na moda e de qualquer uma das metodologias de análise de texto que predominam nessa ou naquela universidade. A produção e o conhecimento da literatura é um trançado que não está isento de repetições acumulativas, devaneios utópicos, clarividades premonitórias da ciência, equívocos passageiros da sensibilidade, luta de deserdados pela identidade, guerras intestinas pelo poder artístico etc. Em suma, é um beco sem saída.

## CAPA

FOTOS: DIVULGAÇÃO



*Vidas Secas* acentuou o regionalismo combativo e *Macunaíma* buscou explicar o Brasil

O segundo fim é esperançoso. Mostra como o relativismo metodológico e, por consequência, ideológico, é a garantia de que novas brechas de esperança podem ser abertas na massa compacta do saber constituído sobre a literatura. Depois dos anos 1960, quando as políticas advogadas pelos grupos minoritários vieram à luz da discussão coletiva, outros e originais adjetivos juntaram-se ao substantivo literatura. Literaturas da mulher, afro-americana, judaica, gay, lésbica etc. Trata-se de compromisso indelével do texto literário com a constituição de novas e até então impensáveis identidades – raciais, linguísticas, sociais, sexuais etc. –, que nada têm a ver com as antigas identidades nacionais ou regionais e têm pouco a ver com as metodologias de análise que se afirmavam pelo centramento no ocidentalismo étnico e fálico da literatura.

Se poucas e desastrosas reviravoltas financeiras têm acontecido na performance operada pelo centramento econômico da globalização, é contra-

ditoriamente no plano da geografia planetária que está sendo globalizada pela economia neoliberal que pipocam inacreditáveis reviravoltas literárias. Citem-se, por exemplo, as reviravoltas culturais que sugerem o livro *Orientalismo – O oriente como invenção do ocidente*, de Edward Said. A cultura passa a ser o local por excelência das reivindicações políticas dos subalternos étnicos no Ocidente (de que são exemplo, no caso latino-americano, os índios e os africanos), ou dos excluídos pela ocidentalização do mundo não-ocidental pelo slogan democracia e liberdade. Parodiando Caetano Veloso, que disse só ser possível filosofar em alemão – será que só se pode fazer e pensar literatura valendo-se exclusivamente das línguas escritas ocidentais responsáveis pela exclusão das tradições não-ocidentais? A literatura da tradição escrita ocidental não deveria ser mais permeável às manifestações da tradição oral não-ocidental, e vice-versa? A literatura, tal como

## A cultura passa a ser o local por excelência das reivindicações políticas dos subalternos étnicos no Ocidente

a temos entendido no Ocidente, não poderia ter um sucedâneo substantivo em culturas não-ocidentais, ou este sucedâneo só seria considerado positivamente se fosse invenção do próprio Ocidente? Os ocidentais não deveriam dialogar mais com o seu outro (não-ocidental), e vice-versa?

Entre nós, é iluminador o modo como jovens pesquisadores universitários têm escutado e reproduzido textos de indígenas brasileiros. Definem-se pontos em comum entre cultura ocidental (europeia) e cultura não-ocidental (indígena) no Brasil, pontos estes que desandam o norte da bússola teórica, ao mesmo tempo em que certezas humanas são robustecidas. Cláudia Neiva de Matos, que tem coligido literatura indígena na região amazônica e, em troca, tem ensinado literatura brasileira aos seus habitantes originais, disse-me que, de todos os trechos de romances e poemas da nossa literatura que oferece nos seus “cursos”, há um que sempre causa pouquíssima estranheza aos novos e distantes leitores. Trata-se de uma passagem da rapsódia *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Estaria isso acontecendo se Mário não tivesse re-substantivado, com a apropriação em sua rapsódia de mitos indígenas da região de Roraima, o adjetivo brasileiro, de nítida feição ocidentalizada, na expressão literatura nacional?

O terceiro fim da discussão sobre o adjetivo que qualifica a literatura é engajado politicamente. Remete-nos a este encontro no Recife, *Literatura regionalista e o escritor contemporâneo: O regionalismo na contemporaneidade*, cujo título, tanto a nível progressista quanto a nível pragmático – e mercadológico –, expressa a busca de inesperados e atuais adjetivos para o substantivo literatura.

Na política contemporânea, a questão regional fica aquém e além do estado-nação; fica também aquém e além do conceito neoliberal de globalização. A duvidade espacial – decorrente da configuração do que seja o objeto identidade regional na atualidade – afeta de modo sistemático a compreensão dos problemas que a literatura (e as artes em geral) coloca. Antes de ser um enigma artístico ou literário, a atualidade do regional tornou-se arma política de muitos gumes. Alguns afiadíssimos. Outros poucos, cegos.

Defender hoje a regionalização do literário pode significar uma atitude crítica em relação ao atual governo da nação brasileira, atitude semelhante à tomada nos anos 1930 pelos escritores “tenentistas”, como Graciliano Ramos. Durante os quase dez anos em que o Estado Novo sequestrou a nação para moldá-la da sala presidencial do palácio do Catete, os romances de Graciliano tanto acentuaram o regionalismo combativo das “vidas secas”, quanto a “angústia” alagoana, assassina do milionário e patrioteiro Julião Tavares. Eis dois exemplos notáveis de sabotagem regional e literária aquém e além do projeto de estado-nação getulista.

De década e meia para cá, estamos vivendo sob a implantação de novo projeto nacional. Até 2002 ela foi feita sob a responsabilidade do PSDB; a partir de 2003 temos uma versão modificada, que está sendo enraizada sob a responsabilidade do PT. A diferença política na atitude dos escritores regionalistas brasileiros (o contrassenso na adjetivação se impõe) de hoje reside no questionamento do modo como as várias e diferentes regiões do vasto território brasileiro estão sendo atualmente selecionadas, priorizadas e premiadas nos planos econômico, social e cultural, pelo processo de implantação do estado nacional

DIVULGAÇÃO



globalizado. A luta tem os tons ardorosos e suicidas da guerra fratricida e, ao mesmo tempo, os tons ardentes e vitais da melhoria para todos os cidadãos brasileiros, indiscriminadamente.

Tentemos compreender com simpatia e afeto o escritor contemporâneo nosso (em particular o que se instala em políticas e estéticas regionais, como as que se afiguram como fortes aqui nos estados do Nordeste). Ele se despede novamente do projeto nacional, para abraçar a crítica radical aos processos pelos quais os tentáculos da globalização, ao tomarem conta dos estados nacionais latino-americanos, *mcdonaldizam* as diversas formas da diferença regional, com um fim julgado não revolucionário, antiecológico e injusto econômica e socialmente. É como se o escritor regionalista estivesse nos dizendo que, lá de cima, a globalização econômica amamenta cá no terra a terra o retorno mítico das identidades regionais que, por seu turno, são obrigadas a se insurgirem contra o estado-nação instalado em Brasília e a globalização determinada pelo Primeiro Mundo.

Artistas de nítida dicção regionalista, como Ariano Suassuna e Antônio Nóbrega, depois de longos anos de trabalho regional, reaprendem as artes do palanque político nos programas da TV Senac ou da TV Cultura. As peças de teatro de Ariano, como o *Auto da Compadecida*, reganham o sucesso que conheceram antes da ditadura militar, em pleno período populista pré-64. Por outro lado, a cidade de Porto Alegre se tornou a sede de encontros internacionais contra a globalização pela economia neoliberal. São sucedâneos festivos, paródicos e críticos dos austeros seminários econômicos organizados pelo FMI, como o de Davos, na Suíça, ou dos organizados pela OMC, como o de Seattle, nos Estados Unidos. Esse estado de coisas gera uma consequência artística regional. Os jovens cineastas urbanos, formados pelo padrão nacional de qualidade Globo, nascem para a arte sob o signo do regionalismo nordestino (v., entre muitos, os filmes *Auto da compadecida* e *Lisbela e o prisioneiro*, para

não mencionar *Abril despedaçado*, *Baile perfumado*, *Amarelo manga* e *Cinema, aspirinas e urubus*). Contraditoriamente? Nem tanto. Através do cinema, a temática regionalista procura o diálogo com a nação brasileira.

Com a mesma simpatia e afeto, focalizemos agora a luta pelos valores regionais (em particular os de caráter cultural). Essa luta expressa o modo como o artista ataca com a mesma lança a duas feras: o monstro da globalização a partir do modelo norte-americano e o seu filhinho também monstruoso, o modelo nacionalista posto em prática, em particular, pelo penúltimo governo do planalto central.

Nos novos tempos, permanecer aquém do projeto nacional em vigor é para os artistas regionalistas ter como alvo algo que está além dos partidos políticos nacionais. No seu radicalismo programático, o projeto regional desconfia do projeto nacional globalizado que está sendo realizado pelos Três Poderes, por ter sido ele colocado sob o domínio do monetarismo, do consumismo e das bolsas de valores. Desqualifica-o com os instrumentos precários que tem a bordo: a zabumba nordestina, a viola caipira mineira ou a sanfona gaúcha. Não o acata como intermediário ou parceiro na luta contra a globalização econômica pelo Primeiro Mundo. O liliputiano enfrenta o gigante, sem a mediação ou a parceria dos partidos políticos nacionais – se me permitem a comparação tomada ao inglês Swift. O liliputiano o enfrenta com a parceria das proliferantes organizações não governamentais (ONGs) que, como instituições supranacionais, agregam os subalternos de todos os matizes políticos, com a intenção de levá-los ao combate de igual para igual com o gigante. Começar por discriminar matizes talvez seja a forma de tornar mais relevante essa luta desigual, que às vezes tem o tom justo do cinza-chumbo e às vezes os tons grandiloquentes do verde-amarelo.

A cultura regional como terreno de luta estética abre cisão no tecido uniforme da indústria cultural hegemônica, e se apresenta como produtora de

casulos de resistência maniqueísta, o mais evidente deles sendo o da disputa pelo mercado entre o produto nacional e o importado, entre o produto “natural” e o enlatado, entre cantores “caipiras” e cantores “sertanejos”. Programas como os de Inezita Barroso e de tantos outros cantores caipiras, apesar de gravados em videoteipes, se dão como lazer de operários ao ar livre do parque do Ibirapuera, em São Paulo, e são contra as crueldades praticadas contra o boi e espetacularizadas em rodeio pelos cantores sertanejos, como Chitãozinho e Chororó, ou por algumas novelas da Globo. O povo operário no gramado do Ibirapuera se confunde com o povão eletrônico, ambos combatentes de causas nobres e humanas.

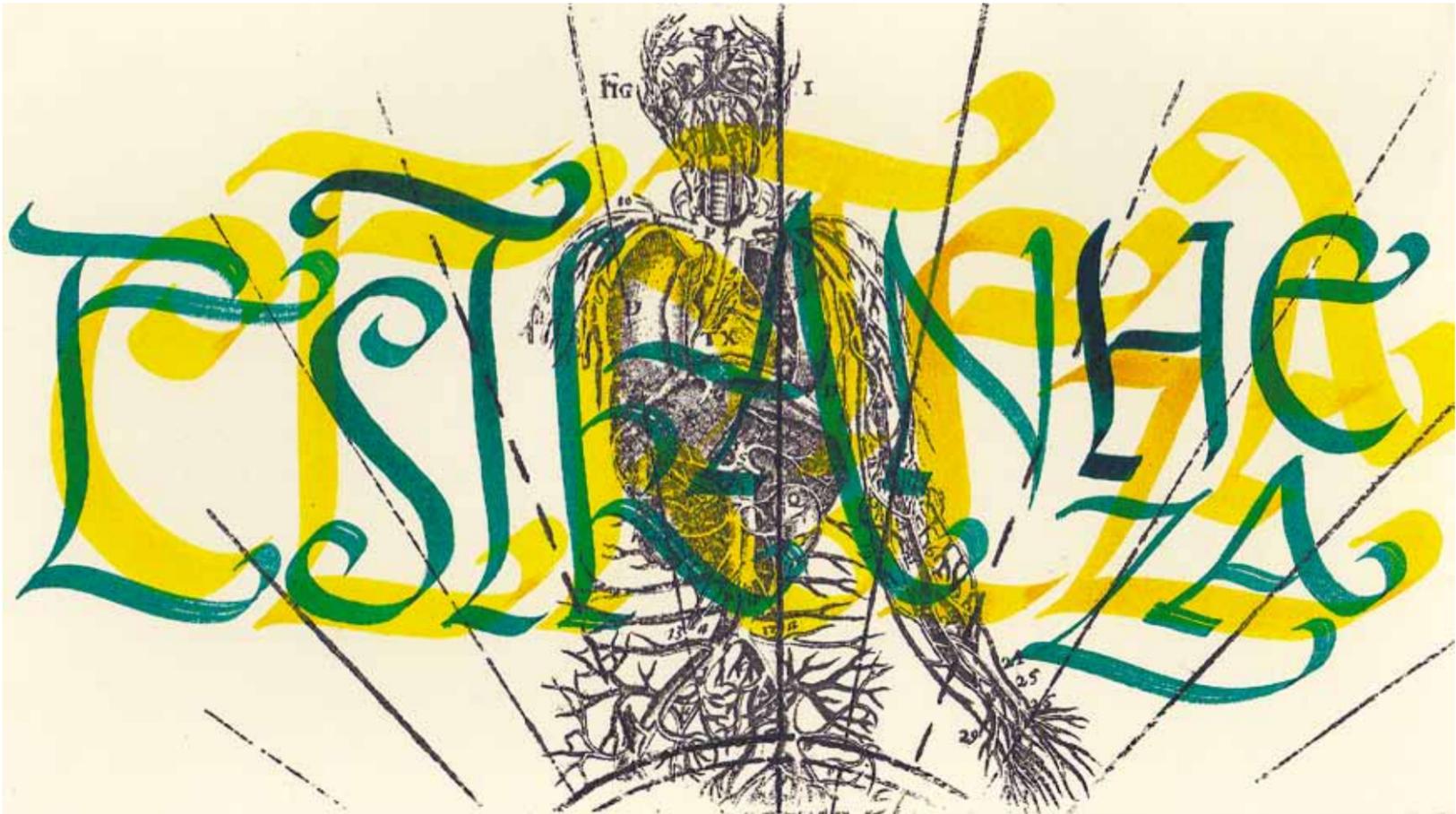
Já que estivemos falando da atualidade do regionalismo pela primeira vez no Rio Grande do Sul – estado emblemático do Brasil fronteiriço –, retomemos o fio da meada aqui no Nordeste no mesmo clima de simpatia e afeto. Agora, para falar de outra projeção da cultura regional, por certo mais artilosa e arriscada, já que, por um lado, não segue os parâmetros da luta popular estabelecidos pelo finado século 20, e, por outro, descaracteriza como falsas as formas agudas do regionalismo e do nacionalismo engajados e combatentes, pregadas também pelo finado século. Falemos de substantivas culturas nacionais, agora devidamente regionalizadas em outro e mais amplo contexto geográfico, o da União Europeia ao norte ou o do Mercosul entre nós. Há o regionalismo, o nordestino, dentro de um estado-nação, o Brasil, de que já falamos, e há o regionalismo do próprio estado-nação, o Brasil, dentro duma união de estados-nações, que está sendo formada, o Mercosul. Essas culturas nacionais, se devidamente regionalizadas, se tornariam aliadas e mais fortes sem ter por projeto a desconstrução dos respectivos estados-nações, como sempre esteve sendo proposto pelos regionalismos (no primeiro sentido da palavra).

De acordo com essa recente projeção política, o conceito de regional ao adjetivar cultura adquiriria

Artistas como Ariano Suassuna reaprendem as artes do palanque político nos programas da TV Cultura.

## CAPA

LUCÍDIO LEÃO E MATHEUS BARBOSA



um segundo e mais forte significado. As culturas nacionais regionalizadas estariam aquém – embora no mesmo plano – da indústria cultural globalizada e estariam além – embora no mesmo plano – das culturas nacionais cujo epicentro é o estado-nação. Há que salientar dois momentos. No primeiro deles, haveria dentro do estado-nação como que uma aliança estratégica das culturas regionais com a correspondente cultura nacional. Num segundo momento, cada cultura nacional coesa, robustecida e não enfraquecida pelas diferenças circunstanciais internas, se articularia a outras culturas nacionais num contexto geográfico mais amplo (o do Mercosul ou o dos estados-nações de língua portuguesa, enfeixados pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, eis dois bons exemplos). O novo todo (necessariamente fragmento do processo de globalização econômico levado a cabo pelo neoliberalismo) é constituído de alianças e de constelações, cujo intuito político, social, econômico e cultural é o da troca regional de recursos e valores no combate à uniformização pelo Primeiro Mundo.

Repitamos. As partes regionalizadas, de que são exemplos os estados-nações dos países sul-americanos, se somam para formar um todo supranacional, o Mercosul, que, fortalecido pela soldagem das partes em jogo, pode combater de maneira mais eficaz a fonte do todo globalizado.

Estamos falando de uma projeção política de cultura que, estrategicamente, toma assento em instituições supranacionais a serem construídas pelos estados-nações já envolvidos e a serem envolvidos em alianças, cujas pontes foram idealizadas coletivamente e em reação ao poder esmagador da globalização econômica em processo. Juntos, os estados-nações aliados saem em busca de outra e nova identidade, ao mesmo tempo nacional e supranacional. O companheirismo (político, social, econômico e cultural) nunca aceitará sem luta os princípios hollywoodianos ou mcdonaldizados da universalidade.

Ao propor o estado-nação na qualidade de região que é parte dum conjunto supranacional, estaremos dialogando positivamente (e desejamos que o diálogo seja também crítico) com o modelo que está sendo criado e proposto pela União Europeia e que, no início do novo milênio, recebeu excelente estudo por parte do filósofo Jürgen Habermas, em *Après l'État-nation – Une nouvelle constellation politique*. À diferença do nosso raciocínio, que se atém por princípio à questão cultural, a análise de Habermas, como não poderia deixar de ser, centra-se nos aspectos propriamente econômicos da fase seguinte à do apogeu do estado-nação europeu.

Voltemos à nossa proposta inicial. Para o bem e para o mal, como adjetivar a literatura num dos

## As culturas nacionais regionalizadas estariam aquém – embora no mesmo plano – da indústria cultural

contextos supranacionais propostos, como o do Mercosul? Literatura sul-americana e literatura do Mercosul seriam adjetivos imprecisos e narcisistas, reminiscentes do cacoete nacionalista a que nos referimos no segundo parágrafo. Literatura das margens, talvez fosse a melhor proposta, pois não só levaria em conta a margem que o adjetivo regional representa dentro do respectivo estado-nação, como também a margem que ganha o novo significado de regional no momento em que passa a adjetivar o estado-nação dentro duma aliança de estados-nações periféricos. Num terceiro movimento essa literatura das margens lançaria outras pontes de convivência com as diversas culturas e literaturas que se sentem também marginalizadas pelo atual processo econômico e político em marcha pelo planeta terra, como as literaturas africanas, ou asiáticas, ou como a literatura palestina ou afegã.

Se no campo propriamente dito da cultura as qualidades políticas dessa postura devem ser realçadas, talvez seja preciso precaução no seu uso aplicado ao campo das artes, ou melhor, ao campo estreito do que se convencionou chamar, desde o século 19, de literatura, ou de *belles lettres*.

Ou não.

Ao final do século 18, tomada pelo impulso da estética, a literatura se tornou objeto único, rarefeito e original no contexto do saber humano. Mais perdia clientes, mais ganhava em intensidade e profundidade. As obras literárias de Stéphane Mallarmé, de James Joyce e de Guimarães Rosa estão aí e não nos deixam mentir. Em oposição, as consecutivas adjetivações de literatura também estão aí e não nos deixam mentir. Essas adjetivações visavam a tornar a literatura menos única, rarefeita e original. Mais pé no chão. Quanto mais a literatura adjetivada ganhava

clientes, mais perdia em intensidade e profundidade. Talvez tenhamos chegado, neste novo milênio, a outro momento-chave da discussão sobre literatura.

Não iremos dizer uma vez mais e equivocadamente que ela está morta. Diremos que passa por um processo de transformação, semelhante a outros processos de transformação por que passou no passado, a fim de renascer das cinzas e continuar sendo um dos mais felizes meios de expressão que o homem encontrou para melhor conhecer a si e falar da sociedade em que se inscreve e do mundo em que vive.

A transformação se daria na aproximação das antigas *belles lettres* das novas configurações do que seja cultura, estabelecidas sob o signo da antropologia social. Para sobreviver ao peso da tradição que a fundou na antiga Grécia e a tornou objeto maleável e instigante ao correr dos séculos até a modernidade, a literatura ocidental acabou bebendo água da fonte da juventude das culturas marginalizadas, optando por um frescor que, antes de ser genealógico, é catastrófico e construtivamente desterritorializador. No século 20, os processos de desterritorialização nas artes e na literatura foram comandados pela sua contaminação por culturas marginalizadas e não ocidentais. Veja-se o papel das culturas africanas nas artes plásticas da vanguarda europeia; regionalize-se a perspectiva com o papel da mitologia indígena em *Macunaíma*. Esses e muitos outros exemplos foram catalogados sob a rubrica de hibridismos. Desnecessário é lembrá-los nos seus detalhes, tão marcantes foram e continuam a ser para a constituição de identidades nacionais destruídas em virtude da colonização ocidental do mundo.

Não estamos querendo retornar ao tema do hibridismo nacionalista. Estamos falando de algo utópico e inesperado – as literaturas regionais do Mercosul, ou as literaturas regionais dos estados-nações de língua portuguesa, que se encontram na CPLP. Algo a ser construído pelas novas gerações, ainda que fragmentária e precariamente. Algo de concreto – política, social e economicamente – a ser alicerçado nas frágeis bases da cultura. Mais uma manifestação do abjeto “culturalismo”? Talvez sim, se o contexto ideológico ainda fosse o dos anos 1930. Estamos falando da possibilidade de reconstrução do mundo com tijolos que não são os convencionais, com tijolos não formatados pelo poder hegemônico da economia neoliberal globalizada. Reconstruir o mundo pelas margens, pelas manifestações culturais e pelo desejo – este, sim, universal – de justiça para todos. Um sonho. Talvez não. Mais um sonho culturalista. Talvez sim.

**Silviano Santiago** é autor de *Uma literatura nos trópicos e Cosmopolitismo do pobre*.

PRÊMIO

# A literatura infantil é um negócio sério

Concurso literário da Cepe coloca em primeiro plano a ficção para os pequenos

Diogo Guedes

MAÍRA GAMARRA



Estreantes na literatura infantil, Lucas Mariz (esq.) e Manoel Constantino receberam R\$ 8 mil pelo primeiro lugar no concurso

As leituras infantis, ainda que algumas vezes relegadas a um segundo plano dentro da academia, normalmente são as que deixam mais marcas, além de serem o principal meio de se formar um futuro leitor. Quem não se lembra de sua obra infantil preferida, de autores como Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Ziraldo? Ciente disso, o 1º Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil, com mais de quatrocentos trabalhos inscritos, anunciou as seis obras vencedoras de sua seleção, buscando incentivar a publicação de novos autores.

Coube à comissão julgadora, formada pelos professores Wanda Cardoso e Aldo Lima, pela editora da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Heloísa Arcoverde, e por dois escritores com experiência na área, Ronaldo Correia de Brito e Fernando Monteiro, a missão de escolher os vencedores. Os primeiros prêmios – de R\$ 8 mil cada – foram para dois pernambucanos, ambos estreantes no campo da literatura infanto-juvenil: Lucas Mariz, vencedor da categoria infantil, e Manoel Constantino, vencedor da juvenil. A paulista Ana Cristina Abreu e o pernambucano Itamar Morgado ficaram em segundo e terceiro lugar na categoria infantil, que ainda teve duas menções honrosas, com Renata Wirthmann e Francisco Hélio. No juvenil, o pernambucano Urian Agria ficou em segundo, o paulista Felipe Arruda, em terceiro, e houveram quatro menções honrosas às obras de Junior Camilo de Souza, Rejane Maria Paschoal, Gisele Werneck e Elói Elisabete Bocheco.

Segundo Lucas, o seu *O conto do garoto que não é especial* ironiza um clichê de obras infantis. “Em Percy Jackson, Harry Potter e Kung Fu Panda, existe uma agonia para que todos sejam especiais. No meu conto, o personagem não é especial. O mundo é que é especial, e as pessoas participam desse mundo”, explica o autor.

O jornalista e diretor teatral Manoel Constantino, por sua vez, criou, em *Anjo de rua*, uma narrativa centrada na história de meninos de rua do Recife. “Eu escrevi o livro há dez anos, e quase não mostrei a ninguém”, comenta. A obra surgiu da notícia real de que um menino, depois de roubar uma bolsa, foi pego por populares e jogado de uma das pontes do Bairro do Recife, sendo encontrado morto. Na versão de Manoel, o jovem morto é o anjo da guarda que acompanha o personagem principal do livro.

“A Cepe acertou em cheio com o concurso, criando um espaço em âmbito nacional para uma seleção com esses gêneros. Foram positivos também a quantidade de obras submetidas e o consenso dos jurados, bastante raro, sobre quais obras deveriam ser premiadas”, elogia Heloísa Arcoverde. Outro destaque para a editora foi que, mesmo com a seleção anônima, dois pernambucanos terminaram com os prêmios principais. Já Wanda Cardoso, vinculada à Secretaria Estadual de Educação, ressaltou o alto nível dos textos, assim

como a importância da iniciativa. “Na era da sociedade da informação, cada vez mais as crianças estão distantes da leitura de obras impressas. A proposta é incentivar essa leitura”, comenta.

Para Ronaldo Correia de Brito, autor de um clássico da literatura infantil pernambucana, *Baile do menino Deus*, a primeira parte do processo de escolha foi a separação entre o que era literatura infantil e o que era literatura juvenil. “De fato, o meu critério principal foi avaliar nas obras a sua criatividade, seu o valor narrativo e o que elas tinham de ensinamentos. Tive uma preocupação com os aspectos éticos, humanos, mas sem ser moralista”, explica. Ainda segundo ele, a preocupação com os aspectos éticos se deveu à presença de histórias de conteúdo amoral. “Ao mesmo tempo, a ideia foi fugir, embora com cuidado, de olhares apenas morais, de meras fábulas”.

Fernando Monteiro, autor do infantil *O nome de um hamster*, ressalta que, nas obras juvenis, deve-se privilegiar no texto uma abordagem sincera do mundo. “O cuidado maior é com não ser hipócrita nem sancionar uma visão hipócrita das coisas, porque ser adulto é, em parte, lidar com a hipocrisia 23 horas por dia”, defende. Em relação às histórias infantis, o principal ponto, para ele, é evitar a concepção errônea que alguns autores têm do público-alvo. “O critério básico seria não subestimar as crianças, mas respeitar a maravilhosa percepção que elas têm de tudo, antes de irem penetrando no mundo de um suposto ‘amadurecimento’”.

Ronaldo faz uma análise semelhante. “Existe essa tendência negativa no escritor infantil. Ao invés de ajudarem as crianças a pensar, a construir uma linguagem, a brincar com as palavras, eles reduzem a idade mental das crianças com o texto”. Para ele, muitos escritores simplesmente se deixam levar pela vontade de falar como crianças. “Quando se escreve para elas, há normalmente um desejo de abordar algumas questões da infância. Mas eu estou de acordo com vários autores que dizem que o bom texto para crianças é também um bom texto para adultos”, argumenta Ronaldo, comentando também que está em seus planos fazer outras obras infantis, quando conseguir uma pausa na literatura “adulta”. Para Fernando, no entanto, o papel principal de quem se dirige às crianças é descer do próprio pedestal do amadurecimento. “Quem escreve para crianças deve se esquecer que cresceu”, sintetiza.



## RESENHA

# A história de um romance anunciado

Como o Nobel da hora retornou ao centro do “coração nas trevas”

Eduardo Cesar Maia

Num pequeno ensaio crítico intitulado “As raízes do humano”, que faz parte do volume *A verdade das mentiras*, de 2001, Mario Vargas Llosa descreve apaixonadamente suas impressões de leitor sobre o já consagrado romance *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, publicado pela primeira vez em 1902. Essa impactante narrativa se desenvolve na época da aventura colonial europeia na África – durante o governo de Leopoldo II, rei da Bélgica, que à época possuía como domínio colonial o Congo (o qual equivalia a mais de 75 vezes o tamanho da Bélgica). A experiência real de Joseph Conrad como funcionário da marinha mercante de Leopoldo II transformou-se, nove anos depois, em material literário e deu luz a uma das obras-primas do século 20. A marca que essa obra deixou em Vargas Llosa transparece durante todo o seu já citado ensaio e culmina em seu mais novo trabalho, o romance *O sonho do celta*, publicado recentemente em Madri, pela editora Alfaguara, e que já está sendo traduzido para o português.

O personagem central de *O sonho do celta* é uma figura histórica real: trata-se do irlandês Roger Casement (1864-1916), cônsul britânico que esteve no Congo Belga no início do século passado e foi testemunha das atrocidades cometidas em nome dos chamados três “C”, que, juntos, justificariam a empresa colonialista europeia: Cristianismo, Civilização e Comércio. Além disso, Casement foi amigo íntimo de Conrad naquele período e foi quem primeiro alertou o escritor a respeito do que realmente acontecia ali. Mario Vargas Llosa, por sua vez, realizou uma verdadeira investigação para reconstituir, com a máxima precisão possível, a vida aventureira e heroica desse “Bartolomeu de las Casas” britânico, que, após denunciar a barbárie praticada pelos homens brancos “civilizados” no Congo, viajou com o mesmo objetivo humanitário para a Amazônia Peruana – região que vivia o auge do ciclo da borracha – e, ainda, envolveu-se com a luta independentista da Irlanda em meio ao tumulto da Primeira Grande Guerra.

Não obstante toda a minúcia na representação dos fatos históricos, trata-se de uma obra de ficção e muito do que é relatado extrapola os limites da pesquisa realizada. O escritor peruano utiliza sua habilidade de narrador para tentar imaginar e descrever de forma viva, verossímil e pungente a turbulenta trajetória de Casement – e, principalmente, a riqueza e complexidade de sua vida interior –, mostrando o papel fundamental desempenhado por ele na mudança da percepção que a opinião pública europeia e norte-americana tinha em relação às atrocidades de que eram vítimas os trabalhadores congolese e os índios amazônicos, uns sob o julgo da Companhia Comercial da Bélgica, e outros, submetidos a um regime de cruel servidão pela The Peruvian Amazon Company, empresa peruana de extração de látex pertencente a Julio César Arana, que funcionava numa região fronteiriça entre Colômbia e Peru chamada Putumayo, e que contava entre seus acionistas com personalidades da sociedade inglesa.

## “MISSÃO CIVILIZATÓRIA”

Tanto no Congo Belga quanto na Amazônia peruana, Casement testemunhou até onde podia chegar a crueldade humana. Os castigos, psicológicos e físicos, alcançavam por vezes requintes de sadismo: órgãos genitais eram cortados ou esmagados a marteladas; mulheres e crianças de trabalhadores fugitivos eram violentadas e mortas diante de toda a tribo para servir de exemplo aos demais; mutilava-se uma mão ou um pé de quem não cumpria as cotas de trabalho. Mas a descrição não pára por aí – Vargas Llosa consegue fornecer um painel vivo e intenso do que foi aquele período tão efervescente quanto ignominioso. Ademais das torturas e explorações, o escritor nos mostra como aquela estrutura de poder funcionava em termos econômicos e como aquelas comunidades, além de passar pelo massacre físico, tiveram destruídas suas tradições, culturas e instituições. Os brancos, representantes da cultura europeia ocidental, aparecem como seres ainda mais primitivos, e com um agravante: ao contrário dos nativos, que acreditavam em rituais e sacrifícios como atos metafísicos, os representantes da “cultura superior” agiam de maneira cruelmente consciente. Homens que antes acreditavam estar numa missão civilizatória e moral se tornaram mais bárbaros do que os bárbaros. O fato é que, na “balança” dos brancos europeus, que aferia o grau de humanidade entre os diferentes povos, negros e índios “pesavam” muito menos, pois não eram considerados “racionais”.

Outra etapa fundamental da vida de Roger Casement retratada no romance foi a de sua importante participa-

ção no movimento independentista irlandês, o que o colocou contra a Coroa e a opinião pública britânicas, que tanto o admiravam por seu labor humanitário anterior. O fato é que, durante a Primeira Guerra Mundial, Casement estabeleceu vínculos estratégicos com a inteligência militar alemã – rival maior da Inglaterra – a fim de conseguir treinamento militar e armamento para os independentistas. Seus planos não saíram como planejara e ele acabou sendo acusado de traição e condenado à morte na Inglaterra.

A conversão ao nacionalismo gaélico de Casement que, em sua juventude, esteve muito identificado com os ideais do Império Britânico de levar civilização e progresso aos países que colonizava, é um dos temas mais interessantes do livro. O rapaz idealista, que chegou à África como um orgulhoso representante de um mundo racional e ilustrado, foi sendo transformado pelo contato direto com uma realidade tão atroz que, pouco a pouco, levou-o a reavaliar todas as suas crenças e convicções. Sua posterior adesão ao nacionalismo radical e à luta independentista armada na Irlanda foi fruto dessa mudança de valores, de sua repulsa categórica a todas as formas de colonialismo, ainda que, obviamente, reconhecesse que a situação irlandesa como parte do Império era bem diferente da desumana realidade colonial congolese e amazônica.

Contudo, as múltiplas facetas de Roger Casement não se esgotam aí. Ao que tudo indica – inclusive por um diário pessoal divulgado à época do seu julgamento – como parte da campanha difamatória promovida pelos ingleses –, Casement era homossexual. Um dos maiores méritos literários do romance é justamente a recriação ficcional desse aspecto de sua vida, sobre o qual muito pouco se sabe, mas que, no livro, tem uma importância fundamental na construção verossímil de um personagem tão complexo. A operação da inteligência britânica no intuito de desprestigiar-lo na Inglaterra e, principalmente, na Irlanda, alcançou em grande parte seu objetivo, devido obviamente ao estrito moralismo da época, principalmente entre os católicos irlandeses.

Na epígrafe, Vargas Llosa utiliza uma passagem de *Motivos de Proteu*, do uruguaio José Enrique Rodó: “Cada um de nós é, sucessivamente, não um, senão muitos. E essas personalidades sucessivas, que emergem umas de outras, costumam oferecer entre si os mais estranhos e assombrosos contrastes”. Palavras que caracterizam a extraordinária riqueza e ambiguidades da vida social e íntima de Casement. Em sua pesquisa, Vargas Llosa viajou ao Congo e se surpreendeu com o desconhecimento absoluto das pessoas em relação ao nome de Roger Casement; e o mesmo se dá na Amazônia, onde, fora de círculos acadêmicos muito específicos, ele é também uma figura completamente ignorada.

## A RAZÃO CRIA MONSTROS

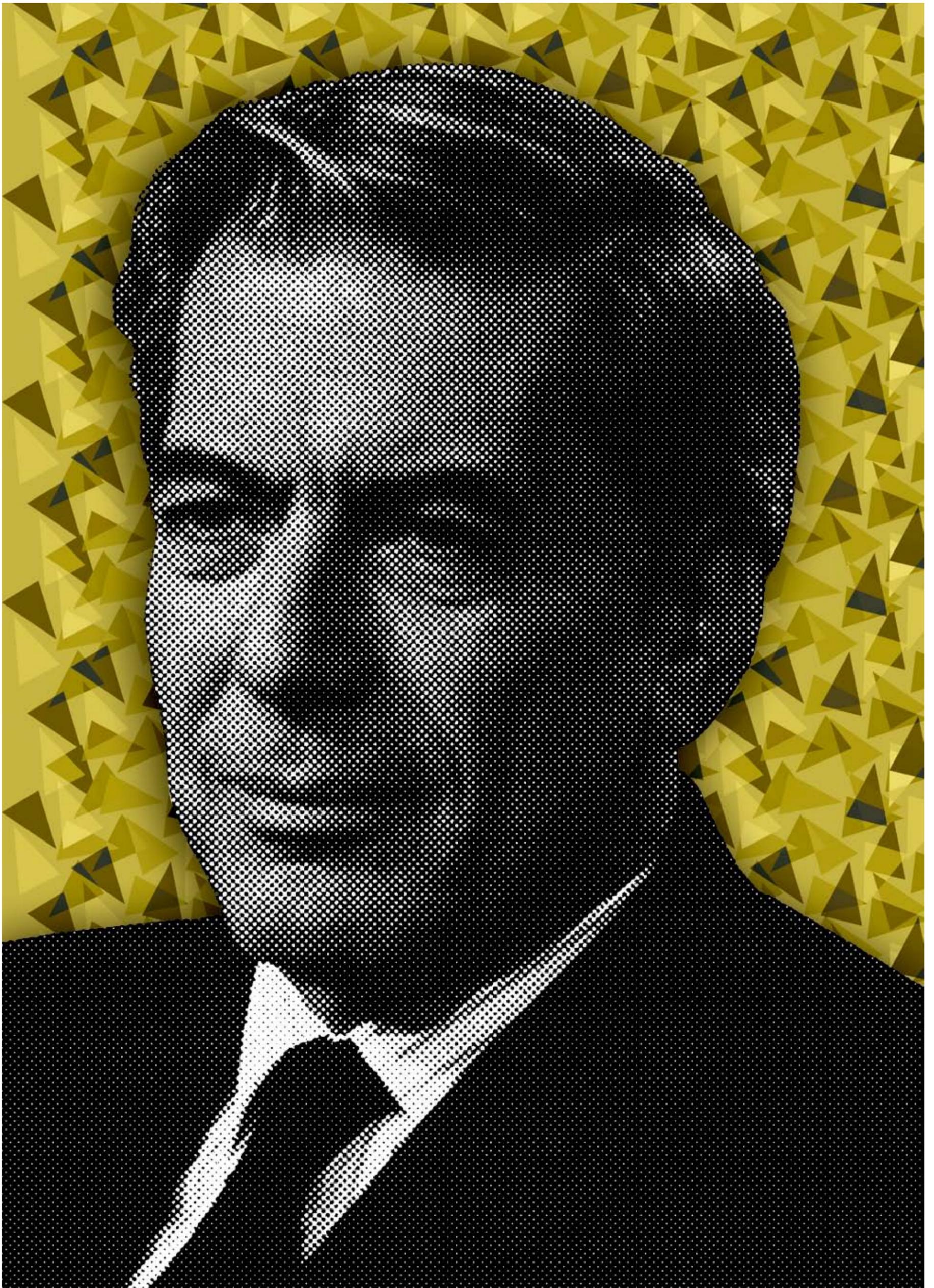
*O sonho do celta* – nome tirado de um poema nacionalista escrito pelo próprio Casement –, é um título que sugere muitos significados. A palavra sonho pode ser interpretada simplesmente como sinônimo de ideal ou desejo; contudo, como na frase gravada num famoso desenho de Francisco de Goya, “O sonho da razão produz monstros”, a palavra pode tomar uma conotação mais profunda, que se relacionaria com a capacidade humana de criar valores (razão universal, nacionalismo etc.) e depois esquecer de que na verdade não passam de construções, de grandes narrativas às quais acabamos submetendo-nos como indivíduos e sacrificando a liberdade e nossa consciência.

Essa é a crítica de Vargas Llosa – sempre latente em suas narrativas – ao entendimento da História como disciplina fechada, pretensamente “científica”, pois, para o ficcionista, a história, que deve ser escrita sempre com “h” minúsculo, é “um ramo da fabulação que pretende ser ciência”. Um exemplo muito claro disso pode ser dado justamente por Roger Casement: seus contemporâneos, ingleses e irlandeses, o julgaram de forma cabal, preconceituosa e parcial. Hoje, após a recriação ficcional de sua personalidade em *O sonho do celta*, somos levados a entender que um herói e um mártir não são um protótipo abstrato e perfeito, mas um homem... E cada homem, como escreveu Walt Whitman sobre si mesmo, “contém multidões”. Também fica claro que, seja pela história ou pela literatura, é impossível chegar a conhecer completamente um indivíduo em toda sua complexidade.

Eduardo Cesar Maia é mestre em teoria literária.



KARINA FREITAS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



# História, Ciência e Atualidades em bons livros



**ÉPOCA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL**  
Paulo Cavalcanti  
(edição em inglês e português)

*Época de Queiroz - agitador no Brasil*, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



**O GIRASSOL**  
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



**ESTÃO TODOS DORMINDO**  
Edson Nery da Fonseca

*Estão todos dormindo* é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa limpa, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



**DE RUAS E INTI-NERÁRIOS**  
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultiva grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

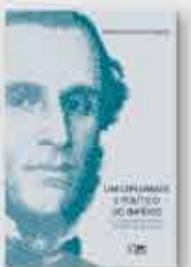
R\$ 40,00



**NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS**  
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e criminosos recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



**UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO**  
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negro.

R\$ 30,00



**NOS CAMINHOS DO FERRO**  
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado de São José e outros.

R\$ 58,00



**JARDINS DO RECIFE**  
Aline de Figueirêa Silva

A arquiteta Aline de Figueirêa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Barle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



**A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO**  
Geráldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geráldino Brasil faleceu em 1998, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

**Assine.**

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

**0800 081 1201**

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



## LANÇAMENTOS RECENTES



**ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX**  
Lucila Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco. Dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antônio Torres Bandeira, que recebeu poemas de inspiração religiosa e licenças para a vida livre.

R\$ 30,00 (cada)



**PONTES E IDEIAS**  
Charles Fourier

Seguidor de Charles Fourier, Louis Vauthier projetou obras modernizadoras no Recife do século 19. O livro mostra seu lado humanista, com base em seu diário e em documentos e correspondências da França, que tratam da época e a influência francesa na cultura brasileira.

R\$ 60,00

**Cepe**  
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** [livros@cepe.com.br](mailto:livros@cepe.com.br)

# 2010/2011 OU DE QUANDO OS PERSONAGENS SOMEM ENTRE UMA TEMPORADA E OUTRA

**Este fim de ano** vai ser completamente diferente para mim. Não que todos os anos fossem sempre iguais, não mesmo. Mas é que esse *réveillon* vai ser singular. Antes de me explicar melhor, preciso dizer que quando criança sempre me perguntei se no *réveillon* a gente comemorava o ano que passava ou o ano que chegava. Aos poucos fui entendendo que, ainda que a festa seja em homenagem ao ano que está chegando, uma coisa não vem sem a outra. O presente tem que virar passado para o futuro virar presente. Mas semana passada uma conversa me assustou. Uma amiga me dizia que não existe presente. Aquela visão bastante cética que considera o tempo apenas uma sucessão de segundos. Já tinha ouvido esse discurso antes, mas ele não me convence. Ou melhor, não me agrada. Talvez eu já seja ansioso e nostálgico demais para pensar que vivemos de passado e futuro. Ao mesmo tempo, não compartilho aquela ideologia “carpe diem” dos que vivem o presente como realidade única. Bocejo. Não. Acho que deve existir por aí um meio termo. Simpatizo bastante com a noção de ciclos. E como as temporadas de séries de TV, os ciclos podem durar meses ou apenas 24h. Mas

enfim, chega de tentar discutir a concepção subjetiva do tempo...

Só mais um parêntese antes de voltar a falar deste meu fim de ano: acabei de me dar conta que apesar de sempre ter sido um menino sabido, nunca me intrigou o fato que a cada *réveillon* toda minha família chora. Na verdade, só depois de algum tempo descobri que há pessoas que não choram na virada do ano. Para mim, como a roupa branca, o choro na hora de desejar feliz ano novo sempre foi natural. Depois do último minuto do ano que passou e antes do quinto minuto do ano que começa todo mundo desaba. E depois continua a festa. Acho que são os ciclos que nos fazem chorar. Ou melhor, a renovação deles. O fim de ano joga uma lupa sobre essa questão, escancara. Então dá aquele friozinho na barriga pelo ano que vai chegar. E é exatamente nesse momento que começamos a criar inúmeras expectativas para a próxima temporada. Talvez a gente faça isso justamente para evitar transformar o tal friozinho em angústia ao calcular quantas das expectativas do ciclo passado ficaram pelo caminho.

É, este fim de ano vai ser completamente diferente para mim.

Para ser bem franco, não fosse o fato de estar escrevendo esse texto e os comentários de alguns amigos, talvez nem percebesse que estamos apenas a alguns dias da festa de *réveillon*. Afinal de contas, não vi o congelador cheio de comida, nem percebi a agitação dos familiares programando as músicas e as bebidas das festas. Este ano, enquanto minhas tias vão para a praia pegar o bronze do natal (minha mãe não, ela não gosta de sol), eu compro uma luva mais grossa para enfrentar o frio que está por vir. Com o oceano de distância dos meus fins de ano habituais pude entender melhor essa questão de ciclos. Principalmente porque, de fato, me aproximo do fim de uma temporada. Em janeiro, depois de um ano em terras francesas, volto pra casa. O *réveillon* não vai ser meu último dia aqui, mas depois dele tudo será apenas despedidas.

Quando eu sei que alguma fase está passando, acabando, a minha reação imediata é ter um pouco de medo. Temo esquecer o que vivi. Eu sei que com os anos sempre vamos perdendo os detalhes e quanto mais antiga é a lembrança, mais ela adquire um aspecto de sonho. Tenho medo de um dia me lembrar do meu primeiro ano fora de casa

e não saber se certas coisas aconteceram, ou é apenas impressão, confusão da memória. Tenho medo de esquecer como eu vivi tudo isso, de não me lembrar bem de como é ser estrangeiro, nem do quão estranho foi descobrir que pode existir alguém bem parecido comigo na Finlândia. Ou ainda, esquecer a alegria que foi comprar uma máquina de lavar roupas.

Mas o que eu mais temo na verdade, com a volta pra casa e o reencontro com a velha rotina, é esquecer tudo que descobri. Não pense que eu estou me repetindo e sendo redundante. Entenda bem, há uma diferença grande entre esquecer o quê e como vivi e esquecer o que descobri. As descobertas são o que podemos levar de melhor de um ciclo para outro. Descobri muitas coisas que não sabia e outras tantas que já desconfiava. Descobri que existem muitos mundos que giram em paralelo. Confirmei também aquela velha frase de consolação: nós nos habituamos facilmente a quase tudo. Pois é, aprendi que certos clichês são de fato verdadeiros. Agora, por exemplo, tenho certeza que é impossível ser feliz sozinho (confesso: na falta de uma brasilidade cotidiana, tive uma pequena recaída pela bossa nova). Comprovei que de fato a gente não faz amigos, simplesmente os reconhece, e que tenho uma facilidade maior do que pensava para me apegar às pessoas. Acho que é por isso que não acompanho seriados: detesto quando os personagens somem entre uma temporada e outra. Mas o que me deixa tranquilo é que nesta viagem também descobri que, não importa onde eu esteja, certas pessoas sempre vão estar comigo. Por isso, na tentativa de traduzir a palavra saudade para a língua estrangeira, acabei aprendendo que ela tem mais a ver com presença que com falta de.

Mesmo assim, tenho certeza que vou sentir bastante a ausência do mar neste *réveillon*. Apesar de ter passado a maioria das festas de fim de ano na praia, nunca pulei sete ondinhas. Ao invés disso o que costumamos fazer é dar um mergulho no mar antes da virada do ano, por volta das dez horas da noite. O último banho de mar do ano. Bom mesmo é quando a maré está cheia e ficamos exaustos apenas na tentativa de permanecer em pé. Deixamos no mar tudo que não queremos levar para o ano seguinte. O último mergulho de 2010 eu já dei há alguns meses, afinal, na cidade onde estou só existem montanhas no horizonte. E neste *réveillon*, acho que elas vão ser as únicas a se vestir de branco.

Na falta de rituais, sobra apenas a renovação de ciclos. Ainda não sei ao certo o que vai acontecer em 2011, mas tenho a impressão que este ano foi apenas a primeira temporada de um novo ciclo. Quando eu penso no próximo ano vem uma sensação estranha, uma ansiedade. Como se eu estivesse voltando para o desconhecido, entende? Talvez eu até volte pra velha rotina, mas sei que ela não vai ser mais a mesma. Muita coisa já não é igual. Mas acho que só quando eu voltar pra casa vou saber o que mudou realmente. E pode ser que apenas no Brasil eu vá perceber qual foi a minha maior descoberta. Pode ser que eu ainda não esteja entendendo nada direito. Pode ser. Enfim, não vejo a hora de mergulhar no mar de novo.

Nesta seção, foi respeitado o texto original dos autores

## SOBRE O AUTOR

**Fellipe Fernandes** estuda cinema na Universidade Blaise Pascal na França.

## INÉDITOS

Daniel dos Santos Lima

## ASA,

... E nisto chegou a um caminho, que se dividia em quatro. E logo lhe veio à imaginação a encruzilhada em que os cavaleiros andantes se punham a pensar que caminhos daqueles tomariam.

(Cervantes: *D. Quixote de la Mancha*)

**ASA**

Antes, vivia na certeza,  
como uma águia aprisionada na gaiola.  
A dúvida me libertou  
deixando-me voar no espaço livre,  
não mais certo de nada  
senão da importância do voo.  
.....

Quando escrevo os meus versos  
meu coração fica leve  
como uma folha.  
Mas sopra a tempestade  
e a folha sofre  
o desespero de ser leve.  
.....

Meu pai, homem de espírito  
mas de pouca alma.  
Impermanente homem, viveu improvisando,  
discutia impossíveis,  
vagabundo de múltiplas paixões.  
Descaradamente amava o efêmero das coisas.

Nunca ficou o mesmo.  
Não sabia quem era, mas apenas que era.  
E então corria  
antes que a vida lhe passasse à frente.

E eu, tão diferente, rebelei-me  
contra o meu pai.  
É, por isto, imitei-o  
(e, como ele, perdi-me;  
que imitou seu Pai).  
.....

Minha mãe era feita de incertezas,  
tecida de solidão de infindas luas.  
Nunca assentou seu coração viajero  
de medo de esquecer o fim da viagem.  
Não dormia, sonhava,  
vivia os sonhos acordada e louca  
e amava a vida  
com tal ódio e paixão,  
que até se percebia nos seus olhos,  
nas mãos, nos gestos  
na vontade de ser e o desespero  
de não ser nunca e ainda.

**SOBRE O AUTOR**

Esses textos fazem parte do livro de estreia de **Daniel dos Santos Lima**, *Poemas*, que é lançado este mês pela Companhia Editora de Pernambuco.

# ABISMO E VOO

E eu perguntava coisas  
e ela não respondia,  
apenas navegava incertos mares  
guiada por estrelas que eu não via.

Minha mãe era feita de incertezas  
mas, por certo, sabia o que queria.

Colhes uma flor sem nome num jardim qualquer,  
numa tarde como as outras  
e, no entanto, toda a tua vida se recolhe  
nesse ato humilde,  
todo o teu passado se reflete  
num gesto obscuro,  
e se recapitula tudo o que fizeste  
desde os mais remotos tempos em que não existias  
senão no desejo de teus avós,  
quando eras apenas uma forma vagamente possível,  
um voto de amor não formulado ainda,  
talvez nem isto.

Ao colheres uma flor,  
a tua vida inteira se refugia nesse gesto.  
E é por isto que a flor estremece.

Meu irmão, te verei um dia  
despojado de tudo o que não és  
desse rosto não teu  
das aparências, dos guisos, das mentiras  
dos disfarces.

Te verei meu irmão  
tão diferente  
e desnudo e pequeno  
tão tu mesmo e tão outro  
e passearemos por galáxias vadias  
e céus e inferno longos  
e falaremos nada tantas horas  
que o tempo se fará de nossas falas.

Te verei meu irmão  
mas talvez não me vejas  
tão diferente estarei  
tão pequeno e desnudo  
tão parecido a ti nas vaidades mortas  
na humildade do rosto enfim reencontrado.

Sufocarei senão gritar agora.

Deixa, Senhor, que eu blasfeme  
na danação desta hora.  
Preciso ser maldito  
para sentir-me salvo.

Se permitires que eu blasfeme agora,  
verás, Senhor, que essa blasfêmia  
é apenas  
um jeito de oração de amor magoado.

A natureza, arte de Deus, supremo artifício,  
não a retoques.  
Humildemente aceita-a.  
Descobre-a em ti, nas coisas, em tudo.  
E, se não podes segui-la, ama-a e respeita-a,  
guarda-a no coração, em teu silêncio.

E se lhe fores fiel, mesmo timidamente,  
nela descobrirás, amando-a,  
tua mãe, tua amante  
e tua casa.

.....

Não é o mar que amo,  
é o infinito que ele sugere,  
são as paixões que lembra  
é a força que suscita  
– é isto que amo no mar,  
não o mar, mas o que ele representa,  
a paisagem interior aonde ele aponta,  
o mar em mim, as águas reprimidas  
no coração mais dentro.

.....

Como suportaria os rudes golpes da vida,  
se em mim a cicatriz não precedesse a ferida?  
Se as águas dos meus mares  
não fechassem em instantes  
o corte que lhes fazem  
os navios que as singram noite e dia?

Às vezes antes, outras vezes  
no instante do sofrer,  
a vida em mim responde  
e faz-se cicatriz antecipada  
ou água revolta a se fechar no instante  
ou apenas também  
a submersa dor, tornada espuma.

# RESENHAS



REPRODUÇÃO

## HQ nos coloca em contato direto com a dor dos outros

Joe Sacco faz uma verdadeira reportagem visual sobre o conflito entre judeus e palestinos

Danielle Romani

A disputa entre palestinos e israelenses ocupa o noticiário há muitas décadas. Cotidianamente, somos bombardeados por informações que repetem, sempre, os mesmos fatos: massacres de civis, atentados terroristas e violações aos direitos humanos na Cisjordânia, na Faixa de Gaza e em Israel. Uma matança interminável, impiedosa, que se acirrou no Pós-Guerra, mas que se arrasta desde o final do século 19 – quando os judeus começaram a migrar para a região.

O jornalista-quadrinista norte-americano Joe Sacco já havia mostrado o inferno vivenciado por cidadãos árabes e judeus na premiada HQ-reportagem *Palestina: uma nação ocupada*, publicada em 1995, e que lhe rendeu o American Book Award em 1996, o primeiro concedido a uma narrativa jornalística em formato de quadrinhos. Em *Notas sobre Gaza*, recém-lançado no Brasil, ele repete a fórmula,

em todos os detalhes. Apresenta uma bem construída reportagem, nos melhores moldes do *new journalism*, mas também mostra que é um quadrinista habilidoso, utilizando com sensibilidade os recursos gráficos dos retroquadros – termo cunhado por Will Eisner para designar o espaço dedicado à diagramação e distribuição das cenas e falas nas páginas. Em vários momentos, alterna *flash-backs* e ações em tempo real, sobrepõe diálogos, contrapõe narrativas, lançando mão apenas dos recursos de balões e quadros.

Sacco, de certa forma, também inova no argumento. Na verdade, resgata dois episódios esquecidos da história palestina, sobre os quais os registros, tanto oficiais quanto extra-oficiais, são obscuros e não necessariamente confiáveis. Investigou o massacre de civis nas vilas de Khan-Younis e Rafah, que ocorreram no ano de

1956, no fim da Guerra de Suez, época em que Israel criou uma aliança secreta com a França e a Inglaterra, contra egípcios e palestinos.

Para tanto, passou um período na região – por volta de 2003 – convivendo com os sobreviventes, seus parentes e ouvindo relatos que indicam terem sido, os dois episódios, massacres bárbaros e covardes contra civis inocentes. Os relatos dão conta que, a pretexto de encontrar guerrilheiros (à época ainda não existiam os terroristas), os soldados israelenses massacraram quase toda a população masculina entre 15 e 60 anos residente nas duas cidades. Episódio, que segundo Sacco, foi fundamental para que o ódio contra os judeus fosse “semeado” no coração dos palestinos”. Com mais de 400 páginas, a *graphic novel* é esclarecedora e reforça o que já sabemos: a matança de milhares de

civis continuará, caso o resto do mundo faça de conta que não tem nada a ver com isso. No prefácio à primeira edição, na qual faz uma atualização dos fatos pós-2003, o próprio Sacco admite não ver alternativas imediatas para uma saída pacífica. Muito pelo contrário. Ele afirma que longe de se vislumbrar uma solução, o conflito só faz acirrar mais ódio nos dois lados.



### QUADRINHOS

*Notas sobre Gaza*  
 Autor: Joe Sacco  
 Editora: Quadrinhos na Cia.  
 Preço: R\$ 55  
 Páginas: 432

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

### BALANÇO DA FREEPORTO

#### Festa literária do Bairro do Recife ampliou a discussão crítica de forma provocativa

Depois de dois anos ocupando o calendário de eventos literários não oficiais do Recife, transmutado em Nova Bulgária, com mapa (foto) e cargos honoríficos vendidos a peso de humor saudável e provocativo, a FreePorto faz um balanço, preparando-se para a última etapa, em 2011. Muita gente valoriza a festa pela irreverência, mas os organizadores – Wellington

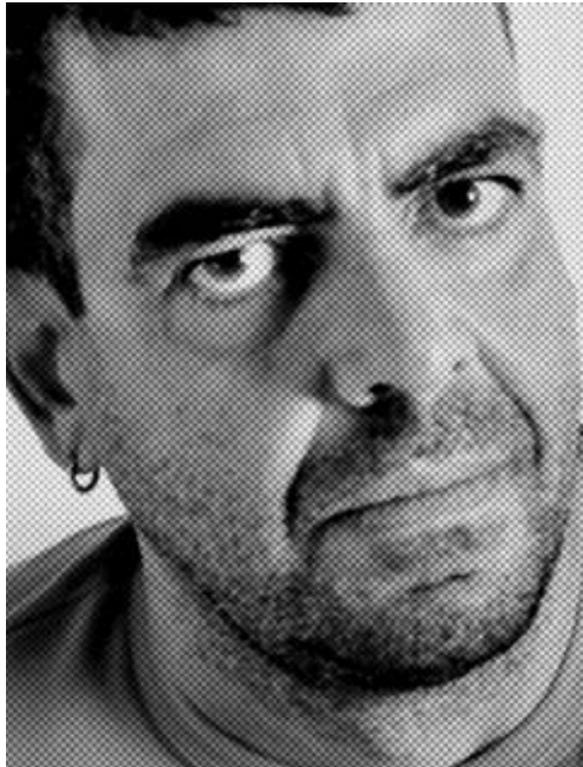
de Melo, Bruno Piffardini e Arthur Rogério – afirmam que a empreitada é uma etapa de um processo irreversível de renovação e discussão que se abriu na cidade. Eles negam a intenção de se transformar numa produtora de eventos e afirmam que esta tem sido apenas uma ferramenta acionada para alcançar os objetivos estéticos a que se propõem.

DIVULGAÇÃO



Nova Bulgária  
2010 d.C.

DIVULGAÇÃO/LGE EDITORA



## Cru, como a vida pode ser

Tudo pode terminar com um príncipe encantado montado num cavalo branco levando “Mariazinha” para longe de sua vida absurda, assim como, tudo pode começar com a história de um menino que, ainda bebê, fora acolhido e batizado de “Mariazinha” por um casal de idosos, porque *Vovó e Vovó sempre quiseram uma filha*. Enredos como esse, que beiram o fantástico e o incoerente, estão presentes em *Histórias desagradáveis*, reunião de dez contos escritos pelo artista plástico Gladstone Machado, que se aventura em sua terceira experiência editorial. Entre situações cotidianas, aparentemente pacatas, surgem reviravoltas como as de *Toni*, um menino que diante da situação que lhe é imposta pela separação dos pais deseja, ainda que secretamente, ter um “amigo” igual ao do pai quando crescer. As histórias

(autobiográficas? ficcionais?) tratam, sobretudo, da relação com o outro, do estar presente no mundo, e a temática da homossexualidade masculina encontrada na maioria dos contos revela um eixo por onde narrativas, ora românticas, ora perversas, se mostram invariavelmente cruas. **(Raquel Monteath)**



### CONTOS E CRÔNICAS

*Histórias desagradáveis*  
**Autor:** Gladstone M. de Menezes  
**Editora:** LGE Editora  
**Preço:** R\$ 25  
**Páginas:** 152

DIVULGAÇÃO



## Na contramão do simples

O Ceticismo, o Epicurismo e o Estoicismo, escolas filosóficas que datam do período helenístico, foram apreendidos pelo senso comum de forma bastante limitada. Ainda hoje, o público leigo reduz a reflexão de Epicuro, por exemplo, a uma nova proposta de vivência hedonista; banalização presente, inclusive, nos verbetes de alguns dicionários. O segundo volume da coleção *Introdução à história da filosofia* da professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, surge na contramão de simplismos como o citado. No livro, a desmistificação em torno dos conceitos próprios destas escolas helenísticas é o ponto de partida e, sobretudo, o convite ao pensamento filosófico. A partir de análises

metódicas e rigorosas das doutrinas, Chauí conduz o leitor e nunca o abandona em prol de hermetismos e complexidades arrogantes. Exige-se, apenas, o esforço necessário ao saber formal. Nem mais, nem menos.

**(Gianni de Melo)**



### BIOGRAFIA

*Introdução à história da filosofia 2 - As escolas helenísticas*  
**Autora:** Marilena Chauí  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Preço:** R\$ 46  
**Páginas:** 388

### SEM MANIFESTO

#### Um evento feito por amantes do Recife

Definindo-se como amantes do Recife, os rapazes do Urros têm opiniões divergentes e complementares sobre a importância da FreePorto, o que, segundo eles, é uma prova que a festa não é um manifesto, uma contraposição pura e simples à Flipporto. “É algo mais amplo. Da mesma forma, o Urros também é algo mais amplo que a nossa reunião. A semente já se plantou, mesmo se o grupo acabar”, afirma Arthur.

### CONCEITO

#### Mistura de realidade e ficção: é o livro vivo

Os eventos têm a intenção de pensar a literatura atual e estimular pessoas a ler e escrever mais, como as rodadas do casamento da raposa, o lançamento (arremesso) de livros, a procissão entoando poemas, os recitais, entre outras ideias. “Não queríamos apenas uma sucessão de mesas, embora seja isso que pareça, só que tudo deve ser costurado dentro da ideia do livro vivo”, diz a turma, que promete muito mais para 2011.

### FUTURO

#### Não há bem que dure para todo o sempre

Em 2011 a FreePorto acaba. Limitar a festa a três edições é ir na contramão do mercado de produção cultural do Recife, mas os organizadores alegam que precisam “fazer outras coisas, como escrever, viver” e se livrar da angústia de serem cobrados pelos que se sentiam injustiçados, por aparecer mais ou menos. “Nossa intenção nunca foi ganhar dinheiro nem emplacar um evento no calendário”, alerta Piffardini,

## PRATELEIRA

### MELHORES CONTOS: ARY QUINTELLA

O diplomata e escritor Ary Quintella é um dos recentes destaques da coleção iniciada pela Editora Global há mais de uma década. Jornalista, romancista, contista, ensaísta e novelista, seus textos abordam o Brasil dos anos 1940 a 1970, numa linguagem fragmentada, de estilo telegráfico. Suas crônicas do cotidiano do Rio de Janeiro apresentam ações intensas, mas passageiras, compondo um estilo pessoal e exclusivo, em que as palavras ganham força de gestos, em que se misturam propositadamente realidade e ficção.



Para a organizadora da obra, a professora Mônica Rector, ele buscava principalmente provocar emoção, sua forma de entender a arte.

**Autora:** Mônica Rector (org.)  
**Editora:** Global  
**Páginas:** 256  
**Preço:** R\$ 32

### ME LEVA NOS BRAÇOS, ME LEVA NOS OLHOS

A premiada atriz e diretora de teatro descreve sua experiência com jovens da Fundação Casa, antiga Febem, de São Paulo, apresentando um registro textual e fotográfico da produção literária dos internos na Unidade do Tatuapé. Nos anos 1980, quando a entidade passou por mais de 20 rebeliões, a autora aceitou o desafio de tirar aqueles jovens das páginas policiais e levá-los para as páginas de cultura. O livro traz reportagens sobre as atividades, incluindo produção de textos teatrais e montagens de espetáculos. naquele período.



**Autora:** Annamaria Dias  
**Editora:** Vida & Consciência  
**Páginas:** 528  
**Preço:** R\$ 49

### MARGENS TEÓRICAS: MEMÓRIA E ACERVOS LITERÁRIOS

O livro reúne artigos de professores e alunos vinculados ao projeto Acervo de Escritores Mineiros, da Universidade Federal de Minas Gerais, que completa dez anos. Os autores analisam obras de escritores mineiros e clássicos da literatura nacional e estrangeira, dentro de uma perspectiva fenomenológica propiciada pelo desenvolvimento cultural da sociedade e pela mídia, que coloca



os novos escritores como personagens, diminuindo cada vez mais a distância entre realidade e ficção.

**Autor:** Roberto Said e Sandra Nunes (organizadores)  
**Editora:** UFMG  
**Páginas:** 197  
**Preço:** R\$ 38

### LINGUAGEM DOS SINAIS

Episódios autobiográficos marcantes, interligados pela recorrência obsessiva de uma personagem surda e pela voz de um narrador que se surpreende com a lembrança de fatos familiares do passado, são a marca do livro de contos que trata da incomunicabilidade do amor e da expressividade possível do silêncio. Tratando a memória de forma ficcional, o autor conduz o leitor a uma reflexão sobre a tênue relação entre ficção e realidade e como



estas se confundem e se completam. Schwarz, por sinal, é o todo-poderoso da editora Companhia das Letras.

**Autor:** Luiz Schwarz  
**Editora:** Companhia das Letras  
**Páginas:** 104  
**Preço:** R\$ 33

## CRÔNICA

Schneider Carpeggiani

## Resgatai-me do vácuo

Queria agradecer à La Selva e ao seu letreiro tom vermelho cansado e também a todas as outras livrarias de aeroporto deste país. Pelo que me lembro, em suas prateleiras nunca foi difícil encontrar algum *pocket book* de Martha Medeiros. Quantas vezes Martha me ajudou naqueles momentos em que, senhoras e senhores, chegamos ao vácuo – da viagem e da vida. Foi durante um voo meio estranho, daqueles em que era melhor ter ficado embaixo da cama para-todo-sempre, amém, que ela me ensinou a ter cuidado com pessoas desabitadas, essas aí bonitinhas feito um rótulo de chocolate, sorridentes, mas sem nada por dentro. “Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. A Suíça, de fato, é um país de contos-de-fada, onde tudo funciona, onde todos são belos. Mas falta uma ebulição que a

salve do marasmo”, me esclareceu num trecho de uma de suas crônicas. Nunca havia pensado na expressão “habitar” para designar estados de espírito, mas foi bom saber que, às vezes, estamos prestes a virar uma casa abandonada. Resgatei minhas malas, três horas depois, bem mais aliviado. Numa outra viagem, menos dramática, outro livro me trouxe a grande lição use-se, antes que algum engraçadinho chegue e faça isso por você. Numa crônica, Martha lembra um dia, na praia, quando escutou duas mulheres conversando em tom dramático sobre uma conhecida que, coitada, fora “usada.” Indignada com o tom de coitadinha do diálogo, escreveu: “Use-se para progredir na vida. Alguma coisa você já deve ter aprendido até aqui. Encoste-se na sua própria experiência e intuição, honre sua história de vida, seu currículo, e se ele não for tão atraente, incremente-o”. E mais importante das lições, ao menos para mim: não enviue-se de si

mesmo, ninguém morreu. Se não fosse por Martha, não teria recitado tantas vezes, e com tamanho fervor, o mantra “use-se”. Aeroportos são minas emocionais, onde não sabemos se, após uma despedida, iremos sobreviver à sala de embarque ou se voltaremos para casa com gripe suína ou outra praga típica dos viajantes. Por isso é bom saber que Martha está ali, pertinho! Ela anda com novo romance, *Fora de mim*. Estou esperando uma viagem para começar sua leitura – ok, minha atitude pode parecer maniqueísta, mas certos autores e certas experiências exigem ritual, convenhamos... Sei que o livro é sobre separação, então me adiantei e enviei algumas perguntas para ela. “Somos maniqueístas nas separações, temos a tendência de achar que sempre há uma vítima e um carrasco, e o papel de carrasco geralmente é o de quem vai embora. Só que as coisas nem sempre são tão simples. Quem foi embora, quem desistiu, pode continuar amando, só que chegou no seu limite, não tolera mais certas situações. A verdade é que uma relação a dois implica em mil outras coisas além do amor. Isso é o que *Fora de mim* quer mostrar”, respondeu a mulher que gosta de nos lembrar (e nessa conversa voltou a fazer isso) que “as coisas nem sempre são tão simples” como exigiria o 2 + 2 da razão. O que me faz um leitor fidelizado de Martha Medeiros é certa voz narrativa onipresente em suas crônicas, poemas e romances que não toma ar de pedagoga, psicóloga ou irmã mais velha. Ela surta, problematiza e leva – fácil – a gente junto. Ler seus livros em trânsito só é recomendável para quem,

como eu, acredita que aviões são como aquelas máquinas de transformação, você entra uma coisa e volta outra. Utopia, sim, mas não é para acreditar ou repensar alguma coisa que a gente lê e/ou viaja? Talvez por isso as livrarias de aeroportos tenham um ethos próprio: há coisas que só lá mesmo! Nossa conversa por e-mail continuou: “O ‘para sempre’ deixou de ser um objetivo de vida. Hoje as pessoas compreendem que não há como estagnar-se numa situação sem sofrer as interferências da passagem do tempo. Somos mutáveis, e nem por isso somos frívolos. Se duas pessoas que estão juntas vão evoluindo da mesma forma, no mesmo ritmo, pro mesmo lado, é o paraíso. Mas às vezes não acontece assim, cada um se desenvolve por um caminho distinto, e nesses casos é preciso reavaliar: um dos dois estaria disposto a abrir mão dos seus sonhos? Se estiver e isso não for opressivo, tudo bem. Mas, se for, naturalmente eles irão preferir ser amigos e ir adiante sozinhos, dando chance a novas vivências. Sei que, dito assim, parece tudo fácil e asséptico, só que vivenciar essas rupturas é sempre sofrido.” Sim, rupturas sempre são sofridas, mas ainda bem que nem todas as viagens dependem do “quanto mais difícil melhor” ou de uma alguma passagem traumática escondida no meio do caminho. Mas, se isso acontecer, sempre é possível encontrar algum livro de Martha 15 minutos antes de embarcar. Obrigado, La Selva.